



**UNIVERSIDADE DA INTEGRAÇÃO INTERNACIONAL DA LUSOFONIA
AFRO-BRASILEIRA (UNILAB)
INSTITUTO DE HUMANIDADES – IH
BACHARELADO INTERDISCIPLINAR EM HUMANIDADES**

AMANDA DE SOUZA NOGUEIRA

**A INCLUSÃO DE PESSOAS COM DEFICIÊNCIAS NA EDUCAÇÃO DE JOVENS E
ADULTOS: UM ESTUDO DE CASO NA EMEIF DEP. JOSÉ MARTINS RODRIGUES
EM MARACANAÚ - CEARÁ**

ACARAPE-CE

2023

AMANDA DE SOUZA NOGUEIRA

**A INCLUSÃO DE PESSOAS COM DEFICIÊNCIAS NA EDUCAÇÃO DE JOVENS E
ADULTOS: UM ESTUDO DE CASO NA EMEIF DEP. JOSÉ MARTINS RODRIGUES
EM MARACANAÚ - CEARÁ**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao curso de Bacharelado Interdisciplinar em Humanidades da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira – UNILAB, como requisito parcial para a obtenção do título de Bacharel em Humanidades.
Orientadora: Dr.^a Geranilde Costa e Silva

ACARAPE-CE

2023

AMANDA DE SOUZA NOGUEIRA

**A INCLUSÃO DE PESSOAS COM DEFICIÊNCIAS NA EDUCAÇÃO DE JOVENS E
ADULTOS: UM ESTUDO DE CASO NA EMEIF DEP. JOSÉ MARTINS RODRIGUES
EM MARACANAÚ - CEARÁ**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao curso de Bacharelado Interdisciplinar em Humanidades da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira – UNILAB, como requisito parcial para a obtenção do título de Bacharel em Humanidades.
Orientadora: Dr.^a Geranilde Costa e Silva

Aprovada em 27 / 11 / 2023

BANCA EXAMINADORA

Prof.^a Dra. Geranilde Costa e Silva - (Orientador – UNILAB)

Prof. Dr. Luís Carlos Ferreira - (Examinador/a – UNILAB)

Prof. Dr. Joserlene Lima Pinheiro - (Examinador/a – UNILAB)

RESUMO

O referido estudo segue citando os objetivos que tem como o geral compreender como a inclusão de pessoas com o Transtorno de Espectro Autista (TEA) acontece na escola EMEIF Dep. Martins Rodrigues dentro da modalidade de ensino da Educação de Jovens e Adultos (EJA). No Brasil, a Lei nº. 13.146, de 06 de julho de 2015, sendo ela a Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência (Estatuto da Pessoa com Deficiência), assegura uma igualdade de condições e direitos fundamentais para pessoas com deficiência, dentre esses, sendo o direito a uma educação inclusiva. Frente a este contexto, realizamos uma pesquisa qualitativa, por meio de um estudo de caso buscando compreender como a inclusão de pessoas com o Transtorno de Espectro Autista (TEA) acontece na escola EMEIF Dep. Martins Rodrigues dentro da modalidade de ensino da Educação de Jovens e Adultos (EJA). A entrevista foi realizada com 7 docentes, entre eles 2 professoras do reforço. Mencionam-se ainda as conclusões do trabalho e se somam grandes autores durante todo esse processo como Freire (1996), Garnica (2004), Rebelo (2006), Rutter (2011), entre outros. Concluiu-se que a escola EMEIF Dep. José Martins Rodrigues possui uma defasagem na inclusão de todas as pessoas com deficiência na EJA (Educação de Jovens e Adultos).

Palavras-chaves: Inclusão. Educação de Jovens e Adultos. Educação Inclusiva. PCDs.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	06
2. JUSTIFICATIVA.....	08
3. BREVE RELATO SOBRE A EDUCAÇÃO ESPECIAL E INCLUSIVA.....	13
4. LEGISLAÇÕES QUE REGEM A POLÍTICA DA EDUCAÇÃO ESPECIAL INCLUSIVA E A EJA (EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS).....	15
5. REVISÃO BIBLIOGRÁFICA.....	20
6. OBJETIVOS.....	21
6.1 Objetivo Geral.....	21
6.2 Objetivos Específicos.....	21
7. METODOLOGIA.....	22
7.1 Local da Pesquisa.....	23
7.2 Observações no local.....	23
8. ANÁLISE DOS DADOS DA PESQUISA.....	29
9. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	44
10. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	46
ANEXOS.....	49

1. INTRODUÇÃO

Este referido estudo de caso aborda uma temática pouco falada e um grupo invisível pela sociedade como as pessoas com deficiência na Educação de Jovens e Adultos (EJA) e busca mostrar a importância que a educação tem para esse público e se embasa em um direito garantido pela Constituição Federal de 1988 em que o artigo 205 fala o seguinte "*A educação, direito de todos e dever do Estado e da família, será promovida e incentivada com a colaboração da sociedade, visando ao pleno desenvolvimento da pessoa, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho*" (BRASIL, 1988).

A construção desse trabalho começou com um dilema explicado na justificativa no qual acontece a inclusão dos/as estudantes com deficiência na Educação de Jovens e Adultos na EMEIF Dep. José Martins Rodrigues na cidade de Maracanaú, estado do Ceará. De acordo com a Declaração de Salamanca (ESPANHA, 1994), a escola deve ser inclusiva para que haja uma participação plena de seus estudantes, oferecendo um ensino de qualidade e contribuindo para a construção de uma comunidade mais inclusiva como nos traz o seguinte trecho "*as pessoas com necessidades educacionais especiais devem ter acesso a escolas regulares*" e que "*são os meios mais eficazes de combater atitudes discriminatórias, criando comunidades acolhedoras, construindo uma sociedade inclusiva e alcançando educação para todos*".

Em seguida, é apresentado um breve relato sobre a educação especial inclusiva em que é citada a história da educação especial inclusiva desde D. João VI até os dias atuais em 2023. O tópico seguinte vem complementar com informações em relação às legislações que regem a Educação Especial e Inclusiva e também a EJA para demonstrar e afirmar que todas as pessoas com deficiência dentro da EJA possuem direitos e que precisam ser respeitados e garantidos de acordo com as leis como trata a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (1996) no capítulo V art. 58 inciso 03 "*A oferta de educação especial, nos termos do caput deste artigo, tem início na educação infantil e estende-se ao longo da vida, observados o inciso III do art. 4º e o parágrafo único do art. 60 desta Lei*" (BRASIL, 1996)

A revisão bibliográfica vem em seguida, onde se cita que foi muito complicado achar qualquer trabalho de conclusão de curso ou acadêmico em que falasse diretamente sobre o tema, mas que foram usados alguns como referência para seguir com esse estudo de caso. O referido estudo segue citando os objetivos que tem como o geral compreender como a inclusão de pessoas com o Transtorno de Espectro Autista (TEA) acontece na escola EMEIF Dep. Martins Rodrigues dentro da modalidade de ensino da Educação de Jovens e Adultos (EJA) e mais dois específicos relacionados também ao tema.

Consequente, a metodologia é apresentada como qualitativa, com aporte bibliográfico seguido de entrevistas com os/as docentes e a mãe de uma referida aluna que possui TEA e estuda no EMEIF Dep. Martins Rodrigues. Ademais, também foram coletados dados referente aos alunos com deficiência dentro da EJA no Maracanaú, dados esses fornecidos pela Secretaria Municipal de Educação (SME) de Maracanaú.

Logo após, é tratado sobre a pesquisa, primeiramente fazendo um resumo da escola e de onde ela é situada e depois as observações feitas na escola com três alunos, uma com TEA, outro com Deficiência Auditiva e Retardo Mental Leve (Baixo QI) e, por último um estudante que não tinha laudo, mas foi "diagnosticado" pelas professoras com alguma deficiência de aprendizagem. Na análise dos dados da pesquisa, foram apresentadas duas entrevistas, a primeira se tratando da entrevista da mãe de uma aluna com TEA e que acompanha a filha durante as aulas na escola e depois foram feitas as análises dos dados da entrevista e do material apresentado pela prefeitura.

A entrevista foi realizada com 7 docentes, entre eles 2 professoras do reforço. Mencionam-se ainda as conclusões do trabalho e se somam grandes autores durante todo esse processo como Freire (1996), Garnica (2004), Rebelo (2006), Rutter (2011), entre outros. Logo abaixo temos a justificativa deste trabalho.

2. JUSTIFICATIVA

Estudei o Ensino Fundamental I com uma garota que era deficiente, ela era minha melhor amiga. Frente a esse contexto nunca fui uma pessoa de ver o mundo com uma distinção entre grupos, pois minha mãe sempre me ensinou a tratar as pessoas de forma igual e apesar de ver minha melhor amiga passar por dificuldades como pessoa com deficiência, ela sempre se mostrou uma garota extremamente inteligente e esforçada em tudo que fazia.

Em 2010 saí de Maracanaú (CE) e passei a morar em Senador Pompeu (CE), e depois fui a Solonópole (CE) e acabei não mantendo contato com essa garota, mas tive uma experiência de ver como funcionava a acessibilidade em outros municípios no interior do Ceará e apesar de existir rampa em algumas escolas, o assunto deficiência não era abordado. Em 2017, quando já estava de volta a Maracanaú comecei a estudar na Liceu Professor Francisco Oscar Rodrigues (Liceu Estadual de Maracanaú) no Ensino Médio.

Com esse retorno, tive contato novamente com essa mesma garota, mas ela não era mais tão próxima como antes. No entanto, observei o quanto ela se sentia mais acolhida naquela escola e também o fato de ser bem diferente das escolas do interior quando se tratava de acessibilidade, era uma escola mais acessível porque além das rampas, agregava atividades educativas nas disciplinas que tratavam de deficiências como ensinar os adolescentes a jogarem vôlei sentados e incluía a garota com deficiência nas suas atividades curriculares.

A menina em questão foi destaque várias vezes como uma das alunas mais inteligentes do colégio e também participava do grêmio estudantil, mas dava para perceber alguns comentários preconceituosos em relação a ela. Creio que pelo fato de não entenderem o fato de uma estudante com deficiência, ou seja, sendo paraplégica não comprometia a sua inteligência, muito pelo contrário e isso se devia à estrutura escolar tanto no ensino médio como no fundamental, dando destaque aos bons/as professores/as durante sua vida.

Em 2019, quando passei a estudar à noite no cursinho que funcionava nas instalações da EMEIEF Dep. José Martins Rodrigues, que neste caso era um pré-vestibular voltado para o Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM), consegui ver uma realidade completamente diferente sobre a Educação Especial Inclusiva, pois apesar de se intitular uma escola que trabalhava com projetos na área da educação inclusiva especial e que eram comprometidos com a inclusão escolar, não era possível verificar essa inclusão quando se tratava de estudantes com TEA, mas somente com pessoas que tinham deficiência auditiva.

Quando adentrei aquele espaço, percebi que havia um estudante, que era diagnosticado com o TEA, mas não era assistido de forma apropriada pela escola, posteriormente, tomei

conhecimento que a citada escola funcionava à noite, com a Educação de Jovens e Adultos (EJA), fato que me instigou a realizar este projeto de pesquisa objetivando entender como funciona a Educação Especial Inclusiva nas escolas da EJA em Maracanaú, e se havia, de fato, essa exclusão de pessoas autistas. Durante o tempo que frequentei esse cursinho pré-vestibular foi possível observar que esse estudante não tinha um/a cuidador/a e que os/as professores/as o deixavam fora de sala, sendo que no intervalo ele era influenciado pelos outros meninos da EJA a assediar as meninas da escola, o que as levava a ter medo dele.

Tal situação me levou a refletir: *Que tipo de educação era aquela?* A EJA é conhecida por duas etapas, o do ensino fundamental, que é destinado aos alunos/as que não conseguiram concluir o ensino fundamental (1º ao 9º ano) e que tenham idade a partir de 15 anos. E também existe a modalidade da EJA para o ensino médio, que é destinado aos alunos/a maiores de 18 anos de idade, que não completaram de forma regular o Ensino Médio. Sendo que a EMEIEF Dep. José Martins Rodrigues oferece a EJA I e EJA II.

Nas minhas conversas informais sobre a escola com o coordenador pedagógico do local, soube que trabalham com o Atendimento Educacional Especializado (AEE) no horário da tarde e, ainda mais, que há um movimento para implementar isso também durante a noite pois, por lá existem alunos com deficiência auditiva que tem seus intérpretes mas pretendo nesse estudo focar no autismo e entender por que não existe um apoio da escola em relação a essa deficiência e se existe, o que acabou levando-me novamente a outros questionamentos, como: *porque esses estudantes não deram continuidade aos estudos na idade própria e no ensino regular? E de que forma o AEE pode agregar na construção de uma escola inclusiva para os sujeitos com TEA se tratando da EJA?*

Segundo a Organização Mundial da Saúde (OMS) e a Organização Pan-Americana da Saúde (OPAS):

O Transtorno de Espectro Autista (TEA) se refere a uma série de condições caracterizadas por algum grau de comprometimento no comportamento social, na comunicação e na linguagem, e por uma gama estreita de interesses e atividades que são únicas para o indivíduo e realizadas de forma repetitiva. Encontra-se no TEA uma grande variabilidade, intensidade e forma de expressão sintomatológica. (OPAS\OMS).

Segundo (RUTTER, 2011) "*A classificação dentro do espectro do TEA considera o impacto do transtorno diante do grau de interação social e comunicação do paciente*". Portanto, essa classificação nos diz que existe um grau de TEA para cada um que tem esse transtorno, ele também é descrito como um transtorno que começa na infância, mas que

persiste na adolescência e na fase adulta. Tendo em conta todas essas informações ditas anteriormente, é correto afirmar que quando um aluno faz parte da EJA é porque o mesmo não conseguiu concluir de forma regular o Ensino médio e/ou Fundamental por algum motivo, o que faz com que a aprendizagem tenha que ser mais efetiva e um plano pedagógico mais elaborado, a reflexão que fica é: *Por que também não elaborar um plano pedagógico para as pessoas com deficiência que estão na EJA?* Especialmente para aquelas que têm mais dificuldades na adaptação em sala de aula.

Segundo a Agência Câmara de Notícias (2021), a Comissão de Educação da Câmara dos Deputados aprovou o Projeto de Lei nº 4731/12, do Senado, que fixa em 25 o máximo de alunos/as na pré-escola e nos dois primeiros anos do ensino fundamental e em 35 nos demais anos do ensino fundamental e no ensino médio. Normalmente a EJA não ultrapassa esse número de 35 estudantes por sala, sendo assim não existem desculpas para a não contratação de um profissional especializado e não querer mexer no orçamento para isso, até porque todos merecem uma educação igualitária.

Importante ressaltar que o Decreto nº 7.612, de 17 de novembro de 2011, assinado pela ex-presidente da República Dilma Rousseff, que garante acesso à educação e garantia de um sistema educacional inclusivo, com base na lei, não se podem excluir pessoas com deficiência e não dar acesso a uma educação de qualidade para elas é também como uma forma de exclusão da sociedade. Como descrito anteriormente, esse direito à educação igualitária para pessoas com deficiência está descrito por lei e a partir de 2016 foi decretada pela Lei nº 13.146/2015, em seu Art. 28, inciso I, incumbiu o poder público de assegurar “*sistema educacional inclusivo em todos os níveis e modalidades, bem como o aprendizado ao longo de toda a vida*”. (BRASIL, 2015).

Sendo assim, o inciso deixa evidente que todos os níveis e modalidades também incluem a Educação de Jovens e Adultos. É de conhecimento público o sucateamento da Educação dos Jovens e Adulto, mas é possível evidenciar isso por meio de dados como os do documento intitulado “Em busca de saídas para a crise das Políticas Públicas de EJA” feito pela Instituição Ação Educativa e Instituto Paulo Freire (2022), tendo como fonte dados o Sistema Integrado de Planejamento e Orçamento, que evidencia os gastos empenhados para o ano de 2022 o que representa 3% do que foi gasto em 2012.

Verifica-se ainda uma queda a partir de 2017. Para apoio a EJA foram destinados R\$342 milhões em 2012 e em 2021, apenas R\$5,5 milhões. Por sua vez, é possível dizer que há um grande apagamento do governo em relação a políticas públicas para a EJA e se existe essa dificuldade de repassar orçamentos e garantir que a EJA funcione como modelo de

educação básica, imagina quando se trata de Educação Inclusiva junto a EJA, não é uma pauta discutida de forma orçamentária e nem há uma preparação de profissionais para educarem pessoas com deficiência em sala de aula.

Nos estudos de Rebelo e Kassir (2018), revela-se que as matrículas de pessoas com deficiência no Brasil cresceram gradativamente em escolas comuns de 2003 a 2017 e que as matrículas em escolas especializadas diminuíram consideravelmente. Por outro lado, também dão destaque ao fato de que em 2007 foram implementadas salas com recursos multifuncionais do AEE, mas que menos de 50% das pessoas são beneficiadas com esse recurso nas escolas, o que leva ao questionamento de como se dá um atendimento especializado a essas crianças e se de fato ele está chegando até elas.

Em concordância com o apresentado anteriormente, o Anuário Brasileiro da Educação Básica organizado por Cruz e Monteiro (2021) em conjunto com a Organização Não Governamental

(ONG) Todos pela Educação e a Editora Moderna, traz dados informando que de 2009 a 2020 as matrículas em salas comuns de Pessoas com Deficiência, Transtorno do Espectro Autista e Altas habilidades ou Superdotação na região Nordeste aumentaram de 79,6% em 2010 para 97,2% em 2020 e que no Ceará esse índice é de 76,6% em 2010 e 98,3% em 2020, todos esses dados sendo retirados do site do MEC/INEP/DEED e elaborados pela ONG Todos pela Educação.

No âmbito específico do setor, cabe registro a Classificação Internacional de Deficiências, Incapacidades e Desvantagens (CIDID), elaborada pela Organização Mundial de Saúde (OMS), em 1989, que definiu deficiência como toda perda ou anormalidade de uma estrutura ou função psicológica, fisiológica ou anatômica; a incapacidade como toda restrição ou falta - devida a uma deficiência - da capacidade de realizar uma atividade na forma ou na medida em que se considera normal para um ser humano; e a desvantagem como uma situação prejudicial para um determinado indivíduo, em consequência de uma deficiência ou uma incapacidade, que limita ou impede o desempenho de um papel que é normal em seu caso (em função da idade, sexo e fatores sociais e culturais).

Dentro disso, também é possível analisar neste mesmo anuário outros dados apresentados, de que 28,3% das escolas em 2020 têm recursos multifuncionais e Atendimento Educacional Especializado (AEE) e que apenas 68% tem adequação para alunos com deficiência e mobilidade reduzida no mesmo ano. Dados esses também extraídos do MEC/INEP/DEED (2021) e com elaboração da ONG Todos pela Educação. É possível observar com isso que quanto mais aumentam as matrículas de pessoas com deficiência nas

escolas, os recursos ainda assim são poucos para adaptar as escolas a essa realidade e darem uma educação de qualidade a essas pessoas. Sendo assim, finalizo a minha justificativa dizendo que é muito importante a reflexão sobre esse tema para entendermos que o ensino de pessoas com deficiência na EJA é algo necessário, mas que é pouco debatido e estudado pela comunidade acadêmica e pouco valorizado pelo governo brasileiro quando se trata de recursos para esta modalidade de ensino.

Considerando o que foi dito acima tenho a seguinte pergunta de pesquisa: *Acontece a inclusão dos/as estudantes com deficiência na Educação de Jovens e Adultos na Escola EMEIF Dep. José Martins Rodrigues no município de Maracanaú-CE? E se acontece, como está sendo realizada? Caso não esteja acontecendo o que diz a escola sobre tal situação, o que fazer para mudar essa realidade?*

Logo a seguir será apresentado um breve relato da Educação Especial e Inclusiva.

3. BREVE RELATO SOBRE A EDUCAÇÃO ESPECIAL E INCLUSIVA

Segundo os escritos de Nogueira (2019) a inclusão de pessoas com deficiência era pautada desde a época do império quando D. João VI deu início a fundação do imperial Instituto dos Meninos Cegos. O autor Cabral (2015) em seus estudos científicos sobre o tema discorre sobre a existência também de outra instituição tida como o Instituto dos Surdos Mudos¹, voltada para a educação de pessoas com deficiência auditiva e pessoas que perderam a capacidade de falar ou tem ela reduzida.

Inicialmente no Brasil se dava destaque a três deficiências, visuais, auditivas e de pessoas com capacidade reduzida ou nula de fala. Por muitos anos, isso deu margem para pessoas com outros tipos de deficiência, como: físicas e intelectuais sentirem que não estavam sendo incluídas na sociedade (NASCIMENTO; CHAVES; COSTA; TORRES, 2020).

Somente em meados do século XX é que foram criadas associações voltadas para a assistência na área da educação e saúde como a Pestalozzi e a Associações de Pais e Amigos dos Excepcionais (APAE) o que criou o Movimento Pestalozziano e o Movimento Apaeano, de acordo com Martins Lanna Júnior (2011). O Movimento Pestalozziano fundado por pelo pedagogo suíço Johann Henrich Pestalozzi, ganhou notoriedade quando Helena Antipoff educadora e psicóloga russa foi trabalhar no projeto a convite do governo de Minas Gerais, ela foi a primeira pessoa a usar o termo “excepcional” para tratar pessoas com deficiência intelectual e não “retardado mental” como era usado na época.

No Movimento Apaeano, que foi fundado pela americana Beatrice Bemis, mãe de uma criança com deficiência intelectual revolucionou a sociedade na época por ser uma das pioneiras a tratar sobre a deficiência intelectual e até hoje existem 23 federações estaduais e mais duas mil APAEs distribuídas em todo o Brasil para dar suporte a pessoas com deficiência intelectual e múltipla no âmbito da educação, saúde e assistência social.

Recentemente em 2015, foi aprovada a LEI Nº 13.146, DE 6 DE JULHO DE 2015 que é mais conhecida como o Estatuto da Pessoa com Deficiência que trata no Capítulo IV sobre o acesso à educação e diz que o sistema educacional deve ser inclusivo em todos os níveis desde a educação básica até o ensino superior mas como apontado no artigo “Educação Inclusiva: Conheça o histórico da Legislação sobre Inclusão” da Organização Todos pela Educação (2020) o texto não cita claramente que a matrícula dos alunos com deficiência deve

¹ Não se usa mais o vocabulário “mudo” para se dirigir a uma pessoa “surda” (com deficiência auditiva) pois o fato dela não falar é acarretado pela falta de conhecimento de sons e consequentemente a não habilidade de repeti-los e não a algo que impeça a sua fala.

se dar nas redes regulares e não em escolas segregadas. Em 2020 foi aprovado um Decreto pelo Ex-presidente Jair Messias Bolsonaro o Decreto de Nº 10.502, de 30 de Setembro de 2020 que trouxe de volta um retrocesso na educação inclusiva e um temor da comunidade acadêmica e deficiente de segregação dessa população tão marginalizada, o decreto pautava a exclusão das pessoas com deficiência em escolas segregadas para elas, mas em 2023 com a posse do atual presidente Luiz Inácio Lula da Silva, esse decreto foi revogado.

4. LEGISLAÇÕES QUE REGEM A POLÍTICA DA EDUCAÇÃO ESPECIAL INCLUSIVA E A EJA (EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS)

Quando se trata da legislação que rege a educação de pessoas com deficiências, a Lei nº. 13.146, de 06 de julho de 2015, que é a Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência (Estatuto da Pessoa com Deficiência), assegura uma igualdade de condições e direitos fundamentais para pessoas com deficiência, dentre esses, sendo o direito a uma educação inclusiva. No Art. 28 da lei falam que:

Art. 28. Incube ao poder público assegurar, criar, desenvolver, implementar, incentivar, acompanhar e avaliar: I - sistema educacional inclusivo em todos os níveis e modalidades, bem como o aprendizado ao longo de toda a vida; II - aprimoramento dos sistemas educacionais, visando a garantir condições de acesso, permanência, participação e aprendizagem, por meio da oferta de serviços e de recursos de acessibilidade que eliminem as barreiras e promovam a inclusão plena; III - projeto pedagógico que institucionalize o atendimento educacional especializado, assim como os demais serviços e adaptações razoáveis, para atender às características dos estudantes com deficiência e garantir o seu pleno acesso ao currículo em condições de igualdade, promovendo a conquista e o exercício de sua autonomia; (BRASIL, 2015)

Sendo assim, é possível afirmar que essa lei assegura que é papel da escola, estado, comunidade desenvolver uma educação inclusiva e que possa abranger a todos que tenham deficiência sem excluir a nenhum indivíduo e garantir respeito a essas crianças, adolescentes e adultos. Tratando sobre legislação a Educação especial apareceu pela primeira vez a partir da LDB LEI Nº 9394/96 (Lei de Bases da Educação Nacional) nela tem um capítulo todo voltado apenas a educação especial e inclusiva em que fala-se que: *“Entende-se por educação especial, para os efeitos desta Lei, a modalidade de educação escolar, oferecida preferencialmente na rede regular de ensino, para educandos portadores de necessidades especiais. §1º Haverá, quando necessário, serviços de apoio especializado, na escola regular, para atender as peculiaridades da clientela de educação especial.”* (BRASIL, 1996).

A mesma visa também o atendimento em locais especializados se não houver esses espaços na escola, mas a versão mais atualizada dessa mesma lei da LDB (Leis de Base da Educação) traz outra versão para explicar a educação especial: *“Art. 58. Entende-se por educação especial, para os efeitos desta Lei, a modalidade de educação escolar oferecida preferencialmente na rede regular de ensino, para educandos com deficiência, transtornos globais do desenvolvimento e altas habilidades ou superdotação”* (BRASIL, 1996).

Ademais, em um dos incisos da lei deixa claro que: “§ 3º *A oferta de educação especial, nos termos do caput deste artigo, tem início na educação infantil e estende-se ao longo da vida, observados o inciso III do art. 4º e o parágrafo único do art. 60 desta Lei.*” (BRASIL, 1996), ou seja, fica assim então dito e assegurado pela lei que as pessoas com deficiência têm direito à educação ao longo da sua vida, se estendendo até a fase adulta no EJA (Educação de Jovens e Adultos).

Consequente, existem leis que asseguram o direito a pessoas acometidas pelo TEA (Transtorno do Espectro Autista) que tenham acompanhantes especializados em sala de aula, os mais conhecidos popularmente como “cuidadores” e a pessoas com deficiência auditiva que tenham também seus intérpretes. A Lei Berenice Piana² que foi criada em 27 de dezembro de 2012 fala sobre os direitos a pessoas com autismo, desde a serem incluídos na saúde, educação sociedade e com isso também o direito de ter um acompanhante em sala de aula como mostra nesse artigo a seguir:

Art. 3º São direitos da pessoa com transtorno do espectro autista: I - a vida digna, a integridade física e moral, o livre desenvolvimento da personalidade, a segurança e o lazer; II - a proteção contra qualquer forma de abuso e exploração; III - o acesso a ações e serviços de saúde, com vistas à atenção integral às suas necessidades de saúde, incluindo: a) o diagnóstico precoce, ainda que não definitivo; b) o atendimento multiprofissional; c) a nutrição adequada e a terapia nutricional; d) os medicamentos; e) informações que auxiliem no diagnóstico e no tratamento; IV - o acesso: a) à educação e ao ensino profissionalizante; b) à moradia, inclusive à residência protegida; c) ao mercado de trabalho; d) à previdência social e à assistência social. Parágrafo único (BRASIL, 2012).

No último parágrafo dessa lei fica estabelecido o direito a acompanhante especializada para as pessoas que se incluem no Transtorno de Espectro Autista e que estejam matriculadas no ensino regular, há o Decreto nº 8.368 que estabelece as condições colocadas a cerca deste profissional acompanhante e o dever da Comunidade, do Estado e da Escola de assegurar que este deva ser capacitado para tal profissão e ele diz o seguinte:

Art. 4º É dever do Estado, da família, da comunidade escolar e da sociedade assegurar o direito da pessoa com transtorno do espectro autista à educação, em sistema educacional inclusivo, garantindo a transversalidade da educação especial desde a educação infantil até a

² Carrega esse nome em homenagem a Berenice Piana, coautora da lei, militante, ativista e mãe de três filhos sendo um deles com autismo. Empenhada em lutar pelos direitos das pessoas com autismo e suas famílias, Berenice ficou conhecida por diversas iniciativas, como a idealização da primeira clínica Escola do Autista do Brasil, criada na cidade de Itaboraí (RJ).

educação superior. § 1º O direito de que trata o caput será assegurado nas políticas de educação, sem discriminação e com base na igualdade de oportunidades, de acordo com os preceitos da Convenção Internacional sobre os Direitos da Pessoa com Deficiência. § 2º Caso seja comprovada a necessidade de apoio às atividades de comunicação, interação social, locomoção, alimentação e cuidados pessoais, a instituição de ensino em que a pessoa com transtorno do espectro autista ou com outra deficiência estiver matriculada disponibilizará acompanhante especializado no contexto escolar, nos termos do parágrafo único do art. 3º da Lei nº 12.764, de 2012. (BRASIL,2014).

Já se tratando de afirmar por lei o direito às pessoas com deficiência auditiva de ter um intérprete em sala de aula existe o Decreto Nº 5.626, que no Capítulo IV fala sobre a educação inclusiva “*Art. 14. As instituições federais de ensino devem garantir, obrigatoriamente, às pessoas surdas acesso à comunicação, à informação e à educação nos processos seletivos, nas atividades e nos conteúdos curriculares desenvolvidos em todos os níveis, etapas e modalidades de educação, desde a educação infantil até à superior.*” (BRASIL, 2005)

Além de deixar claro nos termos da lei que a educação é um direito para todos. Esse decreto também deixa clara a obrigatoriedade de intérpretes em sala de aula ou tradutores, esses devem ser professores que saibam a Língua Brasileira de Sinais ou profissionais capacitados na área com algum diploma “*Art. 21. A partir de um ano da publicação deste Decreto, as instituições federais de ensino da educação básica e da educação superior devem incluir, em seus quadros, em todos os níveis, etapas e modalidades, o tradutor e intérprete de Libras - Língua Portuguesa, para viabilizar o acesso à comunicação, à informação e à educação de alunos surdos.*” (BRASIL, 2005).

Conforme a Resolução CNE/MEC nº 01/2021 e no Parecer CNE/CEB nº 01/2021, as formas de oferta da EJA são: Educação de Jovens e Adultos presencial; Educação de Jovens e Adultos na modalidade Educação a Distância (EJA/EAD); EJA articulada à Educação Profissional, em cursos de qualificação profissional ou de formação técnica de nível médio e a EJA com ênfase na Educação e Aprendizagem ao Longo da Vida e essas modalidades da Resolução Nº 01/2021 de 25 de maio de 2021 está de acordo com o previsto na Lei nº 13.005, de 25 de junho de 2014, que rege o Plano Nacional de Educação, seguindo os preceitos e organização pedagógica da LDB de 1996.

Na Educação Especial e Inclusiva a Resolução Nº 01/2021 de 25 de maio de 2021 traz a tona a Educação de Jovens e Adultos com ênfase na Educação e Aprendizado ao Longo da

Vida que fala sobre pessoas com deficiência dentro da EJA deixando claro seu direito a partir do 8º artigo na seguinte citação:

Art. 8º A EJA com ênfase na Educação e Aprendizagem ao Longo da Vida poderá ser ofertada das seguintes formas: I – atendimento aos estudantes com deficiência, transtornos funcionais específicos e transtorno do espectro autista na modalidade da EJA, de acordo com suas singularidades, a partir da acessibilidade curricular promovida com utilização de metodologias e técnicas específicas, oferta de tecnologias assistivas conforme as necessidades dos estudantes, apoiados por profissionais qualificados; e II – atendimento aos estudantes com dificuldades de locomoção, residentes em locais remotos e de difícil acesso, em periferias de alto risco social e em situação de privação de liberdade nos estabelecimentos penais, oportunizando acesso escolar às populações do campo, indígena, quilombola, ribeirinhos, itinerantes, refugiados, migrantes, e outros povos tradicionais, implementando turmas ou atendimento personalizado em condições de garantir aos alunos acesso curricular, permanência na escola, participação nas atividades e resultados positivos no processo de ensino e aprendizagem. § 1º A Educação ao Longo da Vida em todos os segmentos no contexto da EJA implica em oportunizar acesso a aprendizagens não formais e informais, além das formais. § 2º Permite o estudo de novas e diferentes formas de certificação que levem em consideração o conjunto das competências adquiridas ao longo da vida. § 3º O Projeto de Vida do estudante determinará os percursos e itinerários formativos adequados às condições de aprendizagem, às competências básicas já adquiridas, às possibilidades de integração com proposta profissional e às condições estruturais de vida, locomoção, materiais e acesso ao currículo. § 4º A EJA, com ênfase na Educação ao Longo da Vida para atendimento dos estudantes com deficiência, transtornos funcionais específicos e transtorno do espectro autista, exige atendimento educacional especializado, complementar e preferencialmente no mesmo turno da oferta, com possibilidade de ampliação. § 5º As turmas da EJA com ênfase na Educação ao Longo da Vida deverão ser ofertadas em escolas regulares comuns, organizando suas especificidades curriculares, metodológicas, de materiais, de avaliação e outras no PPP da escola. § 6º As turmas organizadas no princípio de Educação ao Longo da Vida deverão acolher os estudantes no 1º segmento de acordo com as normas desta Resolução. O seu acompanhamento será feito pela equipe técnica da escola, que encaminhará seu atendimento nos demais segmentos, de acordo com seu Projeto de vida. § 7º A avaliação e certificação dos estudantes da EJA com ênfase na Educação ao Longo da Vida serão a partir da definição de currículos diferenciados, com itinerários formativos que atendam a singularidade do público de Educação Especial, ou de populações indígenas e quilombola, refugiados e migrantes pessoas privadas de liberdade, zonas de difícil acesso, população de rua, zonas rurais e outras. § 8º Aos estudantes que apresentem severas deficiências ou transtornos funcionais específicos e transtorno do espectro autista que impeçam seu desenvolvimento acadêmico, a legislação permite ser outorgada a terminalidade específica, documento descritivo das competências adquiridas, exigindo encaminhamento do estudante à outras experiências de vida e trabalho que não considerem a continuidade de estudos acadêmicos formais (BRASIL, 2021).

Esta Resolução Nº 01/2021 implica que os professores e/ou cuidadores, coordenadores e comunidade escolar precisam adaptar seus materiais, metodologias e PPP escolar para

receber as pessoas com deficiência dentro da modalidade da Educação de Jovens e Adultos. Desta mesma forma, o Parecer CNE/CEB nº 01/2021 de 18 de março de 2021 mostra uma maior compreensão da Educação e Aprendizagem ao longo da vida na EJA (Educação de Jovens e Adultos) dando ênfase a importância de uma educação mais humanizada para cada estudante e a citação de atendimento educacional especializado em escolas para Pessoas com Deficiência, Transtorno de Espectro Autista ou Transtornos Funcionais Específicos e no seguinte trecho é possível averiguar essa questão:

A Educação e Aprendizagem ao Longo da Vida no contexto da EJA implica em oportunizar acesso às aprendizagens não formais e informais, além das formais. Por meio do Projeto de Vida do estudante, podem ser determinados os percursos mais adequados às condições de aprendizagem, validação das competências básicas já adquiridas, consolidação das possibilidades de integração com proposta profissional e adaptações necessárias às condições estruturais de vida, locomoção, materiais e acesso ao currículo. A EJA com ênfase na Educação e Aprendizagem ao Longo da Vida para atendimento dos estudantes com deficiência, transtornos funcionais específicos e transtorno do espectro autista exige atendimento educacional especializado, complementar e preferencialmente no mesmo turno da oferta, com 76 possibilidade de ampliação dos atendimentos educacionais especializados, sempre que for necessário. (BRASIL, 2021, p. 13-14).

Sendo assim, é importante salientar que as leis que regem a Educação Especial e Inclusiva e a EJA preveem um tratamento com um Atendimento Educacional Especializado para quem tem alguma deficiência a existência de “cuidadores”, acompanhantes que sejam especializados na área da educação ou saúde, intérprete de LIBRAS em sala de aula, além de adaptações nas escolas não só na estrutura, mas nos projetos pedagógicos escolares, na matriz curricular e na metodologia de ensino dos professores.

Toda essa adaptação da escola é necessária para que o aluno vindo de um contexto de primeiro contato com uma escola ou até mesmo uma reintegração no ambiente escolar, não se sinta excluído ou muito menos não aprenda e se desenvolva naquele ambiente mesmo tendo alguma deficiência.

5. REVISÃO BIBLIOGRÁFICA

Foi feita uma busca por todas as bibliotecas das Universidades Públicas do estado do Ceará e não foi encontrado nenhum trabalho de conclusão de curso que remetesse a educação especial e inclusiva de pessoas com deficiência na EJA, o único que falava de alguma forma, era sobre inclusão na sociedade das pessoas que participaram da modalidade de ensino do EJA e não sobre deficiências e também há outros trabalhos de conclusão de curso focados apenas em educação especial e inclusivas, mas em escolas de ensino regular no fundamental e não no EJA, mas foi encontrado um trabalho de conclusão de curso.

Localizei uma monografia feita por uma aluna da Universidade Federal da Bahia que se aproxima do que estou pesquisando no momento, sendo ela intitulada Educação de Jovens e Adultos no Contexto da Educação Especial: Dois processos inclusivos de 2009. Nesse citado Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) é possível observar um mesmo método qualitativo em que uso em minha pesquisa, um estudo de caso para observar como a Educação Especial Inclusiva se encaixa na sala de aula para alunos que fazem parte da modalidade de ensino de jovens e adultos.

Nesta monografia fica evidente o quão inviabilizado pela sociedade a EJA é, por já sofrer essa exclusão e dificuldade de entrar como modalidade na sociedade, fez com que os recursos fossem mais escassos como eu aponto no meu trabalho e a dificuldade de inclusão ser enorme por falta de treinamento dos profissionais e investimento na educação de jovens e adultos. No mesmo TCC aborda a deficiência intelectual e tem como objetivo entender como os alunos com deficiência são tratados dentro da EJA e se de fato existe essa inclusão.

A autora mostra que há muitas dificuldades para os professores em incluir esses alunos e não apenas integrá-los em sala de aula devido a pouca formação dos docentes voltada a Educação Especial e Inclusiva, a falta de cuidado do estado com esses alunos com deficiência dentro da EJA e a dificuldade para a família reconhecer esses indivíduos como pessoas com deficiência e trata-las para que tenha essa ajuda em conjunto com a comunidade escolar. Logo abaixo segue os objetivos do trabalho.

6. OBJETIVOS

6.1 Objetivo Geral

- Analisar como a inclusão de pessoas com o Transtorno de Espectro Autista (TEA) acontece na escola EMEIF Dep. Martins Rodrigues;

6.2 Objetivos Específicos

- Entender as práticas pedagógicas usadas com os alunos com deficiência dentro da Educação de Jovens e Adultos (EJA), principalmente os que têm Transtorno de Espectro Autista;
- Observar a rotina e relação escola-aluno-docentes para buscar entender como se dá ações quanto ao processo de inclusão dos estudantes com deficiência no EJA na escola EMEIF Dep. Martins Rodrigues;

Logo abaixo segue a Metodologia da pesquisa.

7. METODOLOGIA

O trabalho aqui apresentado se trata de uma pesquisa qualitativa, essa que Garnica (2004) explica como:

[...] (a) transitoriedade de seus resultados; (b) a impossibilidade de uma hipótese a priori, cujo objetivo da pesquisa será comprovar ou refutar; (c) a não neutralidade do pesquisador que, no processo interpretativo, vale-se de suas perspectivas e filtros vivenciais prévios dos quais não consegue se desvencilhar; (d) que a constituição de suas compreensões dá-se não como resultado, mas numa trajetória em que essas mesmas compreensões e também os meios de obtê-las podem ser (re) configuradas; e (e) a impossibilidade de estabelecer regulamentações, em procedimentos sistemáticos, prévios, estáticos e generalistas (GARNICA, 2004, p.86).

Sendo assim, o autor traz essa perspectiva de que a pesquisa qualitativa se torna impossível de ser neutra frente dela, o trabalho apresentado precisa fazer sentido para o pesquisador com suas vivências e perspectivas transmitidas através de uma pesquisa qualitativa e não apenas trazer dados ou procedimentos sistemáticos.

Dessa forma, fica exposto o interesse de se fazer uma pesquisa mais intimista sobre o trabalho apresentado trazendo de uma forma humanizada os entrevistados, sendo eles os docentes e a mãe de uma aluna com TEA (Transtorno do Espectro Autista) tentando entender também principalmente o lado dessas pessoas com deficiência na escola em questão (EMEF Dep, José Martins Rodrigues) também pensar em como solucionar os problemas que podem ser apresentados e suas consequências nos discentes com deficiência.

A técnica para a coleta das informações foi realizada por meio da aplicação de entrevistas junto ao seu público alvo, indo a campo para fazer perguntas, observando o local de estudo e levando em conta as próprias conclusões da pesquisadora, além dos dados apresentados. Foi feita também uma pesquisa bibliográfica, no qual dentro dos apontamentos realizados por GIL (2002, p. 44) esclarece como “*a pesquisa bibliográfica “[...] é desenvolvida com base em material já elaborado, constituído principalmente de livros e artigos científicos]”*”.

A pesquisa bibliográfica também foi uma parte essencial do trabalho para construí-lo por completo apesar dos dados escassos e dificuldade de encontrar quaisquer trabalhos, artigos, livros que falassem com precisão sobre as pessoas com deficiência dentro do EJA (Educação de Jovens e Adultos). Um contato com a Secretaria de Educação de Maracanaú

também foi feito para tentar prover algum dado sobre os alunos com deficiência dentro da EJA (Educação de Jovens e Adultos) e foi coletada uma tabela com a quantidade de alunos por cada escola. A seguir as informações coletadas.

7.1 Local da Pesquisa

A escola em questão se chama EMEIEF José Martins Rodrigues, localizada em Maracanaú (CE), no bairro Jereissati I, Avenida VI e é custeada pelo município em questão, sendo uma das poucas escolas que abrigam ainda a modalidade da EJA (Educação de Jovens e Adultos) em Maracanaú. A escola em questão, período da noite, funciona com o Ensino fundamental I (sala para os alunos do 1º ao 5º) e II com duas salas, sendo uma para os alunos do 6º ao 7º e outra para alunos do 8º ao 9º, de modo que estive observando em todas essas salas por terem alunos com deficiências diferentes em cada uma delas.

Durante o dia funciona o Ensino Fundamental I e II, do 1º ao 9º ano, contanto com a presença de cuidadores, intérpretes em Libras e uma sala do AEE em que existem profissionais que ajudam recebendo o diagnóstico e encaminhando as crianças além de fazer um acompanhamento daquelas crianças com deficiência. No turno da noite existe apenas uma intérprete, duas professoras para reforço e os professores concursados que regem a sala de aula, além de uma pessoa que fica na gestão da escola.

As aulas no período da noite as aulas ocorrem das 18h00min às 21h00min, os alunos fazem o lanche na cantina antes do início das aulas, de modo que não há intervalo, ou horário de recreio. As salas da EJA não possuem ar condicionado, apenas a dos professores e a da secretaria, e ainda possui uma quadra esportiva que não é usada pela noite. Quanto à presença de funcionários, à noite tem uma cozinheira na cantina, um porteiro e um auxiliar de serviços gerais. Em geral, a escola tem uma boa estrutura com brinquedos voltados para crianças e alguns até feitos de forma reciclada com pneus.

7.2 Observações no local

1º dia de observação na escola

No primeiro dia de observação, vi que as aulas na EMEF Dep. José Martins Rodrigues começam às 18h00min e finalizam às 21h00min. O corpo docente da escola já está acostumado à aluna com autismo e sua mãe chegarem mais atrasadas que os demais colegas

de turma. Há apenas uma professora que é pedagoga em sala de aula ensinando os anos iniciais do EJA do 1º ao 5º e dentro desta sala existe uma aluna com TEA (Transtorno de Espectro Autista) que foi diagnosticada com o CID F84 que se transcreve como Transtornos Globais de Desenvolvimento que hoje em dia com a mudança do CID-11 em 1 de janeiro de 2022 já se classifica como TEA segundo relatado pelo Instituto Inclusão Brasil:

A abordagem dimensional de alguns transtornos mentais, bem como o reconhecimento de que os limites entre eles são mais permeáveis do que se percebia anteriormente, constituíram-se avanços importantes. Embora alguns transtornos mentais possam exibir limites bem definidos, demarcando grupos de sintomas, a evidência científica recente já demonstrava que vários deles faziam parte de um espectro e apresentavam sintomas, fatores de risco ambientais e genéticos e possivelmente substratos neuronais compartilhados. Além de digerir melhor as observações científicas, uma abordagem dimensional também captura melhor a sutileza da prática clínica. Nesse sentido, ocorreu, por exemplo, a fusão de transtorno autista, transtorno de Asperger e do transtorno global do desenvolvimento no transtorno do espectro autista. Em vez de constituir transtornos distintos, os sintomas relacionados a esses transtornos representam um contínuo único de prejuízos com intensidades que vão de leve a grave nos domínios de comunicação social e de comportamentos restritivos e repetitivos (INSTITUTO INCLUSÃO BRASIL, 2021).

A estudante que tem 31 anos e é acompanhada pela mãe e não por um cuidador, apesar de que a escola disponibiliza uma tradutora para um aluno com deficiência auditiva. A mãe auxilia no cumprimento das atividades da aluna em questão e traz de casa o que for preciso para ela como, por exemplo: tesoura, lápis de cor e um estojo completo de coisas. Já a professora oferece à estudante uma atividade para ela que é diferente das atividades dos demais alunos, porém nada que seja especializado na área.

Talvez um dos problemas seja esse, apenas uma atividade pequena para uma aula toda, o que deixa a aluna com tempo ocioso da metade da aula até o final, o que pode revelar a falta de preparo técnico da professora para com uma aluna com TEA. A menina aparenta já ter noção sobre as vogais e contar de um até cinco, de acordo com as observações feitas junto à uma das atividades que a mesma realizou. Acredito que seja complicado ser professora de uma sala de aula da EJA em que os alunos já têm suas próprias dificuldades de aprendizado.

Observei que a docente tenta passar um a um para acompanhar as atividades, que às vezes alguns nem realizam e com tudo isso ter uma aluna com TEA sem nenhum suporte profissional em sala de aula, apenas a mãe da garota. A mãe em questão assume o papel de professora da filha auxiliando nas atividades, sem formação na área. Contudo, verifiquei que

a aluna não interage de modo natural com os demais estudantes, pois quando outros alunos tentam de comunicar com ela, a mesma somente responde com a autorização da mãe.

2º dia de observação na escola

No segundo dia de observação fui designada para observar uma sala dos anos finais do fundamental, do 8º ano e 9º ano, especialmente um aluno de 18 anos que não tem uma deficiência aparente, mas sim de aprendizado e concentração segundo a professora dele, mas que nenhum laudo foi encontrado pela escola.

Fui designada para a outra sala porque a garota anteriormente observada havia faltado à aula, sendo que uma das professoras relatou que outro estudante com deficiência tinha desistido da escola, e que o mesmo estava muito ausente às aulas.

Percebo que a dinâmica na sala de aula é a mesma, mas dessa vez com mais alunos frequentando, o que torna a sala de aula bem caótica e alguns alunos conversam muito, noto que o aluno que estou observando ficou usando o fone de ouvido, de modo a não escutar o resto da turma, além de ficar muito no celular.

A professora em questão, não passa na cadeira do aluno para perguntar se ele está entendendo alguma coisa da atividade e parece haver um interesse a mais naqueles que estão aprendendo e ele não parece ser do tipo que vai falar abertamente que está tendo alguma dificuldade na atividade. De modo que não foram oferecidas a ele atividades escolares. Avalio que ele recorreu a internet e não presta atenção no que é dado na aula, pois não consegue compreender o que é abordado em sala de aula.

Somente no final da aula quando a docente propôs uma atividade “tecnológica” em que pedia para que escrevessem uma redação pelo celular, já que eles tinham tanto apreço pelo citado aparelho, que percebi alguma empolgação. No entanto, concluí semanas depois que poucos fizeram e colocaram a culpa em outras obrigações.

3º dia de observação na escola

Já no terceiro dia de pesquisa fiquei encarregada de observar um menino de 23 anos que tem deficiência auditiva com CID F70 que se caracteriza como Retardo Mental Leve (Baixo QI), Adultos com CID F70 têm idade mental de 9 a menos de 12 anos⁴ e estuda na EJA nos anos finais, 6º ao 7º. É um aluno que também chega um pouco mais tarde que o horário determinado, em igual situação como a aluna observada anteriormente, mas que todos já manifestam naturalidade quanto a esse atraso.

A tradutora fica responsável por traduzir e ensinar ao citado aluno todas as tarefas propostas no caderno. Ele é um adulto bem agitado e que não consegue verbalizar nada de forma coesa, porém parece se esforçar muito para realizar as lições na sala de aula e em momentos fora da sala de aula, percebi que a intérprete em questão tem uma relação próxima à família do aluno ao ter o telefone da sua mãe e sempre ligar para ela para saber se o garoto irá ou não a escola e porque não irá.

Notei também que a intérprete tem o papel de professora para ele já que é formada na área, ensina de forma correta como resolver cada uma das atividades. O menino traz também seus materiais de casa como lápis de cor, giz de cera, entre outros. Para realizar todos os exercícios e não tem muito tempo para ficar sem fazer nada ou de ócio, seu tempo todo é preenchido com as tarefas. A escola dispõe de uma oficina de libras com um curso dado por um intérprete de 60 horas, mostrando o quanto ela se preocupa com a inclusão de pessoas com deficiência auditiva e o aluno em questão tem a oportunidade de afortunadamente ter contato com outros alunos que têm deficiência auditiva por conta da oficina ofertada.

A professora da turma não sabe LIBRAS e não consegue se comunicar com o discente que tem deficiência auditiva mesmo que ele tente fazer o mesmo com ela sem a professora-intérprete em sala de aula. Mas sua relação com os outros alunos aparenta ser bem amorosa porque ele adora contato físico, o estudante sai mais cedo da escola antes de todos saírem.

4º dia de observação na escola

No quarto dia voltei para a mesma sala em que a aluna com TEA estava, cheguei lá decidida a fazer uma entrevista com a sua mãe Rosário achei que seria muito importante para o curso e desenvolvimento dessa pesquisa acadêmica ouvir o relato de uma mãe que é cuidadora da sua filha em uma escola da Educação de Jovens e Adultos. Todavia, já tínhamos falado previamente com ela sobre a entrevista para ela, que aceitou participar.

Inicialmente foram feitas perguntas quanto à identificação dela e da filha, depois começamos a falar sobre o diagnóstico da filha, com perguntas acerca era seu diagnóstico e desde quantos anos ela tinha recebido o laudo de TEA, tendo ela respondido: “*Sim, ela tem autismo infantil moderado, desde os 8 anos porque ela tem trinta e um era mais difícil o diagnóstico*”. Entramos no assunto inclusão e a entrevistada pareceu não acreditar muito na inclusão de pessoas com deficiência, relata que é difícil e faz um desabafo sobre essa questão em particular como mãe de uma pessoa com TEA, ela diz o seguinte:

Amanda é porque assim...eu sempre...não acreditei em inclusão assim na prática e pelo fato dela ser menina, eu...acho que eu também... os colégios que eu procurei não tinha cuidador e pela idade dela, você sabe que hoje em dia ainda é difícil né? e aí não tinha cuidador, não tinha experiência e eu assim não tinha coragem de colocar a Tássia na idade da adolescência em uma sala de aula com adolescentes se não tivesse quem cuidasse dela especialmente né? (Rosário, mãe de aluna com TEA, 2023).

Algo que foi interessante também na entrevista foi tratar do fato dela ser acompanhante da filha em sala de aula, perguntei se ela sempre atuou dessa maneira, e a resposta foi: “*Sempre, sempre*”. A senhora Rosário se ressentiu pelo fato da filha não ter um acompanhamento e/ou um cuidador em sala, de modo que revela:

“Ah, eu sinto! Não é culpa da professora né? eu acho que... eu fico à vontade com ela mas nada como um cuidador, uma pessoa formada assim né? com uma experiência e a especialização, lógico que é importante nesse sentido do aprendizado” (Rosário, mãe de aluna com TEA, 2023).

Falei também sobre ter dias em que ela (mãe) tem problemas de saúde ou pessoais como aconteceu durante uma semana em que eu observava e a menina não pôde ir a escola por conta da mãe e ela completou dizendo que:

“É, tem isso também, mas isso aí não é uma coisa que...A Thalia é tipo meu chaveirinho, eu não sei viver sem ela pra onde eu vou, eu vou com a Tássia, se tivesse um cuidador eu precisava trabalhar pra deixar ela seguir com ele mas talvez eu não deixasse pelo fato de que ela...não tem autonomia, não sabe ir ao banheiro sozinha, ela sabe em casa né? mas aqui ela não tem cuidado, tem dificuldade” (Rosário, mãe de aluna com TEA, 2023).

Falamos um pouco também sobre o suporte da escola, e perguntei se a senhora Rosário achava que existia esse suporte por parte escola e se ela dava algum apoio com materiais específicos para a filha. E ainda indaguei se a filha tinha apoio do AEE e a resposta que recebi dela não foi tão animadora assim, mas percebi que ela compreendia que não era culpa apenas da escola, nem dos professores, e sim da prefeitura, do governo e de todo um sistema educacional. Segue a resposta da senhora Rosário:

"Não. Se a gente falar que as escolas todas dão apoio, não está falando a verdade, a questão é que às vezes não é nem a escola, são os governantes que não oferecem a condição para o profissional se especializar (...) Às vezes eles têm muita dificuldade, né? (a escola)

porque é novidade né? às vezes não tem outro aluno, entendeu? mas eu gosto daqui" (Rosário, mãe de aluna com TEA, 2023).

Senhora Rosário me relatou também que sente dificuldade com relação ao atendimento e outras, pois além da ausência da escola, como por exemplo, isso porque depois que a filha ficou adulta tem dificuldades para conseguir atendimento com um fonoaudiólogo, com um psicólogo, ou seja, um atendimento educacional especializado voltado a pessoas com Transtorno de Espectro Autista, na fase adulta.

Conversamos um pouco também sobre a evolução da filha e o sobre os seus aprendizados na escola, e a senhora Rosário revelou que a filha evoluiu muito porque a mesma não sabia nem cobrir as letras antigamente, mas destaca que se a filha tivesse o atendimento multidisciplinar de um psicólogo, de um fonoaudiólogo, um neurologista e de um pedagogo especializado em TEA, ela estaria bem mais avançada.

A entrevistada finaliza dizendo que acredita e tem esperanças que no futuro essa situação em que a filha vive na escola seja melhora e agradeço pela oportunidade de participar da entrevista.

8. ANÁLISE DOS DADOS DA PESQUISA

A referida pesquisa foi realizada por uma entrevista feita com sete professores da rede pública municipal, sendo duas delas professoras de reforço para apoio pedagógico e uma mãe de uma aluna com TEA (Transtorno de Espectro Autista) e dados foram coletados da Secretaria de Educação de Maracanaú, dados esses repassados por uma funcionária que trabalha no setor da Educação Especial na Prefeitura da referida cidade.

As entrevistas realizadas com os professores e a mãe da aluna foram feitas com roteiros e perguntas distintas e o roteiro da pesquisa com a mãe da discente foi adicionado em um tópico depois das observações onde ocorre também a análise dessa entrevista em particular, mas a entrevista principal deste trabalho com os docentes ocorreu de forma individual com cada um e respeitando as privacidades dos profissionais, sendo estas gravadas por áudio e transcritas no apêndice deste trabalho.

A Tabela a seguir mostra um pouco em relação ao perfil de cada um deles:

Tabela 1- Perfil dos Docentes

Perfil dos Docentes:	Idade	Sexo	Raça	Reside em Maracanaú?
Entrevistada 1 - (M1)	“65 anos”	“Feminino”	“Parda”	“Não, Fortaleza”
Entrevistada 2 - (L2)	“64 anos”	“Feminino”	“Parda”	“Não, Fortaleza.”
Entrevistado 3 - (F3)	“59 anos”	“Masculino”	“Branco”	“Não, Fortaleza”
Entrevistado 4 - (J4)	“57 anos”	“Masculino”	“Branco”	“Não, Fortaleza”
Entrevistado 5 - (R5)	“54 anos”	“Masculino”	“Preto”	“Não, Fortaleza.”
Entrevistada 6 - (C6)	“53 anos”	“Feminino”	“Parda”	“Não, Fortaleza”

Entrevistada 7 - (N7)	<i>“64 anos”</i>	<i>“Feminino”</i>	<i>“Parda”</i>	<i>“Não, Fortaleza.”</i>
----------------------------------	------------------	-------------------	----------------	--------------------------

Fonte: Arquivo Pessoal

Foram entrevistados 03 (três) homens e 04 (quatro) mulheres, com idades que variam de 53 anos até 65 anos em que 04 (quatro) se consideram pardos, dois brancos e um preto e quando perguntados se residiam em Maracanaú todos responderam que não, mas que moravam em Fortaleza.

Perfil acadêmico:	Qual a sua formação acadêmica?	Há quanto tempo você leciona?	E há quanto tempo você leciona nesta escola?	Você é professor efetivo?	Há quanto tempo você trabalha com a EJA?	Faz muito tempo que você trabalha com a EJA nessa instituição?	Você tem alguma formação específica no AEE ou algum curso, pós-graduação em educação especial e inclusiva?
Entrevista da 1 – (M1)	<i>“Mestrado em Educação”</i>	<i>“32 anos”</i>	<i>“9 meses”</i>	<i>“Sim”</i>	<i>“10 anos”</i>	<i>“8 meses”</i>	<i>“Não, tenho não. É muito intuitivo porque eu tenho um filho portador da Síndrome de Down então eu tenho conhecimento de leitura mas não tenho formação específica.”</i>
Entrevista da 2 - (L2)	<i>“Pedagogia e Direito”</i>	<i>“20 anos”</i>	<i>“11 anos”</i>	<i>“Sim”</i>	<i>“14 anos”</i>	<i>“11 anos”</i>	<i>“Não”</i>
Entrevista do 3 - (F3)	<i>“Pedagogia com Especialização em Administração Escolar e Licenciatura em Matemática em”</i>	<i>“15 anos”</i>	<i>“1 ano”</i>	<i>“Sim”</i>	<i>“10 anos”</i>	<i>“1 ano”</i>	<i>“Sim, cursos de especialização na área de Jovens e Adultos e cursos na área de educação especial”</i>

	<i>andamento</i>						
Entrevista do 4 - (J4)	<i>'Licenciatura plena em biologia'</i>	<i>"19 anos"</i>	<i>"1 ano"</i>	<i>"Sim"</i>	<i>"19 anos"</i>	<i>"1 ano"</i>	<i>"Não"</i>
Entrevista do 5 - (R5)	<i>'Licenciatura em Geografia com especialização em cultura Afro-Brasileira'</i>	20 anos	<i>"15 anos"</i>	<i>"Sim"</i>	<i>"15 anos"</i>	<i>"15 anos"</i>	<i>"Não"</i>
Entrevista da 6 - (C6)	<i>'Pedagogia com Especializações em andamento de Gestão Escolar, Psicopedagogia clínica, institucional e hospitalar'</i>	<i>"20 anos"</i>	<i>"15 anos"</i>	<i>"Sim"</i>	<i>"15 anos"</i>	<i>"15 anos"</i>	<i>"Sim, Psicopedagogia e LIBRAS"</i>
Entrevista da 7 - (N7)	<i>'Ciências contábeis e matemática'</i>	<i>"25 anos"</i>	<i>"9 anos"</i>	<i>"Sim"</i>	<i>"uns 15 anos"</i>	<i>"9 anos"</i>	<i>"Não"</i>

Fonte: Arquivo Pessoal

Na segunda parte da entrevista como mostrada na tabela anterior foram feitas perguntas aos professores para saber sobre o perfil acadêmico dos mesmos e foi constatado que tinham três professores pedagogos, mas uma sem especialização, porém com direito como formação também e os outros dois que tinham especialização.

Neste caso, umas dessas especializações eram parecidas, em administração escolar e gestão escolar e uma dessas pedagogas têm uma especialização em andamento de psicopedagogia clínica, institucional e hospitalar e o outro que tem administração escolar como especialização está com a licenciatura de matemática em andamento.

Além dos pedagogos mencionados, tem uma professora com mestrado em educação, um com licenciatura em biologia, outro com licenciatura em geografia e especialização em cultura afro-brasileira e por último uma professora com licenciatura em matemática e formação em ciências contábeis.

Seguindo a pesquisa ainda sobre o perfil acadêmico deles, foi perguntado há quanto tempo cada um leciona e principalmente há quanto tempo lecionam naquela escola específica (EMEIEF Dep. José Martins Rodrigues) e as respostas foram variadas, mas as respostas variaram de 15 anos até 32 anos na área da educação e lecionando na escola da pesquisa essa variação mudou de 9 meses a 15 anos. Todos os docentes que ali trabalham são efetivos e quando perguntados há quanto tempo trabalhavam com a EJA (Educação de Jovens e Adultos) as respostas também variam para cada um dos profissionais, mas nos dados coletados variaram de 10 anos a 19 anos e trabalhando na escola da pesquisa dentro da EJA os anos também sofreram variações, de 8 meses até 15 anos.

Já na última pergunta quando questionados se fizeram algum curso, especialização ou pós-graduação na Educação Especial e inclusiva quatro disseram que não e três tiveram respostas diferentes, uma das professoras relatou que tem um filho com Síndrome de Down então tudo que ela sabe é por conta própria e vivência de ter estudado sobre educação especial e inclusiva em casa através de livros, entre outros. Outro professor tem curso na área de educação especial e outra professora tem em andamento a especialização em psicopedagogia clínica, institucional e hospitalar e curso de LIBRAS (Linguagem Brasileira de Sinais).

Na terceira parte dessa entrevista foram analisados os dados sobre as perguntas referentes à pesquisa e sendo assim, mais objetivas e a primeira delas foi se eles tinham algum aluno com deficiência em sala de aula ou para as professoras de reforço se elas davam aula de reforço para alunos com deficiência e a resposta de todos foi afirmativa para todos e quando perguntados sobre o quantitativo de alunos variou de sala para sala alguns professores relataram que só tem em uma sala o aluno com deficiência auditiva mencionado nas observações anteriormente, o que faz 6º ao 7º ano como nas falas apresentadas abaixo, já houve um não consenso entre dois professores dos anos iniciais em que uma delas disse que tem uma aluna com TEA (Transtorno de Espectro Autista) e o outro professor descreveu a deficiência dela como ligeira deficiência mental e disse que não há mais nenhum aluno PCD (Pessoa com Deficiência) na sua sala, ao contrário da professora da mesma sala que disse que há sim alunos ali que não tem laudo, mas tem deficiências.

Uma das professoras dos anos finais 8º e 9º ano disse que tem dois alunos com deficiência, mas sem laudo e últimas professoras de reforço Carmen e Nair, arriscam dizer que tem sim alunos com deficiência, mas que os alunos que são enviados para elas não muito registro de laudo, apenas de um deles que tem TEA e esse mesmo aluno com Transtorno de Espectro Autista não é assíduo na escola há muito tempo, mas que com a experiência que as duas têm, elas conseguem observar que existem alunos com Déficit de Atenção, problemas na

aprendizagem, Dislexia, e, uma dessas alunas com problema de fala e com distúrbios de aprendizagem no geral. Abaixo a fala de cada um e respostas sobre as perguntas apresentadas:

“Tem um auditivo no final I e no final II tenho dois que não sei o laudo” (M1). [OUTUBRO, 2023] “Com laudo eu tenho uma, né? e tem mais algumas pessoas que a gente desconfia que tem, algo mas não tem laudo.” (L2).[OUTUBRO, 2023] “Ah! Sim. Tem uma menina com deficiência, com laudo, uma aluna (...) Não, lá aparentemente não tem ninguém (com deficiência, além da garota), não foi... não recebi nenhum relatório além dessa menina.” (F3). [OUTUBRO, 2023] “1, surdez” (J4). [OUTUBRO, 2023]“Sim. Um.” (R5). [OUTUBRO, 2023] “Nenhum deles diagnosticados com laudo ou nada, mas pela experiência a gente percebe a necessidade de cada um. Eu tenho alunos que têm déficit de atenção, e tenho alunos que têm problema com relação à fala, que com certeza é...contribuiu para a baixa estima, para a falta de aprendizagem. Eu acho que ela tem algum lábio leporino, alguma coisa assim que afetou. E eu tinha também um autista que eu recebi recentemente, mas ele não é assíduo e ele não veio. (...) 1, 2, 3, 4, uns 4. “ (C6). [OUTUBRO, 2023]. “Tem sim. (...) é aquilo que eu te disse...eles têm tipo dislexia tem retardo né assim? No aprendizado...falta de atenção que confunde muito assim eu não sei dizer confunde muito não tem...tem deles que não sabem as letras dificuldade de fazer conta muita dificuldade muita dificuldade mesmo” (N7). [OUTUBRO, 2023]

Sobre este mesmo tópico, a Secretaria de Educação de Maracanaú forneceu dados quantitativos de pessoas com deficiência dentro da EJA e quando solicitado dados orçamentário em relação a pessoas com deficiência ou a EJA em si, não se obteve resposta, mas os dados fornecidos para essa pesquisa estão na tabela abaixo:



RELATÓRIO DA QUANTIDADE DE DEFICIÊNCIAS POR ESCOLA

TURMAS DA EJA

ESCOLA	DEF. AUDITIVA	DEF. INTELLECTUAL	DEF. MÚLTIPLA	TEA	TOTAL DE ALUNOS
EVANDRO AYRES MOURA EMEF	-	3	-	2	4

ESCOLA	DEF. AUDITIVA	DEF. INTELLECTUAL	DEF. MÚLTIPLA	TEA	TOTAL DE ALUNOS
DEPUTADO					
JOSE ASSIS DE OLIVEIRA EMEIEF	-	2	-	-	2
JOSE MARTINS RODRIGUES EMEIEF DEPUTADO	1	5	1	1	6
MANOEL MOREIRA LIMA EMEIEF	-	1	-	-	1
MARIA PEREIRA DA SILVA EMEF	-	-	1	-	1
VALDENIA ACELINO DA SILVA EMEF	-	1	1	-	1
TOTAL DO MUNICÍPIO	1	12	3	3	15

GERADO EM: 02/10/2023 Fonte: Prefeitura de Maracanaú (2023)

Nessa tabela podemos ver que é apresentado o quantitativo de 06 (seis) alunos com deficiência dentro da escola EMEIEF Dep. José Martins Rodrigues e dentre essas deficiências temos auditiva, TEA, Deficiência Múltipla e Deficiência Intelectual, mas quando procurado o diagnóstico e laudo de qualquer um desses alunos foi achado apenas de dois deles e dois destes sendo os observados nesta pesquisa, 01 (um) aluno com deficiência auditiva e retardo mental leve e uma aluna com TEA (Transtorno do Espectro Autista).

Logo aqui podemos perceber uma inconsistência de informações em relação ao quantitativo de alunos por parte da secretaria de educação e da escola, as informações não batem e os professores nem sequer tem acesso a elas já que são poucos os que conseguem denominar os deficientes que têm laudo. As próximas perguntas ainda tem haver com essa mesma temática anteriormente e lhes foi perguntado quais as deficiências eram apresentadas pelos alunos e se os alunos que tinham deficiência tinham seu devido diagnóstico as respostas

para essas perguntas foram que existem apenas quatro alunos com diagnóstico, 02 (dois) com TEA, mas, um deles, um garoto, não frequenta mais a escola com assiduidade, tem outro aluno com Deficiência Auditiva e um com Deficiência no aprendizado.

04 (quatro) professoras, duas delas de reforço (Carmen e Nair), relataram que percebem as deficiências dos alunos com observações, experiências próprias e algumas até com leituras sobre pessoas com deficiência, mas que não há o devido diagnóstico. Destaco aqui as respostas de cinco professores sobre essas perguntas.

“Na maioria das vezes é Auditivo ou então é... é Hiperativo ou então Déficit de aprendizado mesmo mas eu não vejo ... não tenho assim pessoas nunca tive pessoas com Autismo nem nada do tipo que também é uma coisa relativamente nova né? Dentro da educação agora. (...) Alguns têm (o diagnóstico), outros não, a maioria não tem. É só questão de intuição e observação e leitura que a gente descobre que tem algum problema.” (M1). [OUTUBRO, 2023]. “É autista, né? A Thalia, Agora os que eu acho que tem alguma coisa, eu não sei dizer o que é não. A gente acha que isso é dificuldade de aprendizado, né? Tem os que têm até dificuldade na fala, mas aí eu não sei. Não posso dar diagnóstico (...) Quem tem um diagnóstico é a Thalia, essa eu sei que tem os outros ninguém nem fala nisso é como se eles fossem qualquer... e pode até ser eu que esteja vendo algo que não seja, não sei. Essa questão de dificuldade é grande, grande mesmo” (L2). [OUTUBRO, 2023] “No caso dela (a estudante com TEA) é uma deficiência é... mental né? ligeira deficiência mental. (...) É, no caso aqui... no caso da menina que tem uma ligeira deficiência intelectual, né? E diagnóstico, ela é diagnosticada.” (F3). [OUTUBRO,2023] “1, autismo, TDAH, né? 2, TDAH e a outra da fala não sei como diagnosticar, Só um. Só o que tem o autismo (que tem diagnóstico)” (C6). [OUTUBRO, 2023] “Não, no caso da ninguém tem assim diretamente porque eu acho que não é feito e seria interessante fazer porque quando é criança pequena né? 4º ano tudo, parece que fazem esse tipo de abordagem mas na EJA eu não sinto é...fica meio vago e também por causa da...que eles já são mais idosos né? aí assimaí é difícil de fazer um diagnóstico deles muito difícil” (N7). [OUTUBRO, 2023]

A próxima pergunta feita foi se alguns dos alunos com deficiência deles tinham algum acompanhante especializado como intérprete de LIBRAS, um cuidador, profissionais do AEE, entre outros. As respostas também foram variadas, para os professores que tinham o aluno com deficiência auditiva em sala, disseram que existia a tradutora de LIBRAS disponível para ele, mas quanto aos outros, que tinham quaisquer outros alunos com uma deficiência diferente em sala de aula a resposta já era o contrário e diziam que não tinha e não havia nenhum tipo de acompanhamento.

Ademais, alguns professores citaram o AEE que tem na escola no turno matutino e vespertino e quiseram até já solicitar encaminhamento desses alunos para avaliação no turno diurno, mas não obtiveram resposta, quando questionado porque eles achavam que não existia

esse acompanhamento alguns disseram que provavelmente é porque a EJA é um turno já sucateado, alguns acreditam que é a falta de instrução dos pais para solicitar a prefeitura e que a demanda do município é muito grande em relação a isso então eles sucateiam e contemplam apenas alguns turnos, não todos. Algumas respostas às perguntas serão apresentadas a seguir.

“Não, aqui não. A Thalia³ vem para a mãe dela. (...) A noite é muito difícil, a noite aqui na EJA, às vezes nos outros anos aconteceu assim de vir uma pessoa, acho que ela vinha de livre e espontânea vontade para vir uma vez ou outra, mas alguém para a noite, não vem não” (TAL, Lourdes de. L2. Entrevista II. [OUTUBRO, 2023] Entrevistadora: Amanda de Souza Nogueira. Maracanaú, 2023. 1 arquivo. .mp3 (07m49) A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no apêndice deste trabalho). “No meu caso aqui da menina, não. (a que tem TEA) Quem acompanha... ela é acompanhada sempre pela mãe dela, que toda noite vem com ela pra aula da EJA. Aí vem desde ela entender que ela tem direito, né? A requisitar um acompanhante e também a questão da disponibilidade, né? De ter o acompanhante, né? Do município. Essa informação realmente fica meio complicada” (TAL, Frederico de. F3. Entrevista II. [OUTUBRO, 2023] Entrevistadora: Amanda de Souza Nogueira. Maracanaú, 2023. 1 arquivo. .mp3 (08m56) A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no apêndice deste trabalho). “Intérprete. Ele é acompanhado por um intérprete de LIBRAS repassando todo o conteúdo ministrado em sala de aula.” (TAL, João de. J4. Entrevista II. [OUTUBRO, 2023] Entrevistadora: Amanda de Souza Nogueira. Maracanaú, 2023. 1 arquivo. .mp3 (05m13) A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no apêndice deste trabalho). “Não. Na realidade, eu acho que assim hoje a demanda é muito grande para o município né? Então assim existe esse atendimento, mas esse atendimento ele contempla só algumas situações, não todas.” (TAL, Roberto de. R5. Entrevista II. [OUTUBRO, 2023] Entrevistadora: Amanda de Souza Nogueira. Maracanaú, 2023. 1 arquivo. .mp3 (06m49) A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no apêndice deste trabalho). “Não. Inclusive, eu solicitei que quando os alunos viessem para cá, porque todas as vezes que a gente observa, a gente encaminha e pede para que eles sejam avaliados pelo AEE daqui né? (da tarde) Mas a gente nunca conseguiu. Infelizmente.” (TAL, Carmen de. C6. Entrevista II. [OUTUBRO, 2023] Entrevistadora: Amanda de Souza Nogueira. Maracanaú, 2023. 1 arquivo. .mp3 (10m13).

Ambas as perguntas foram feitas de forma conjunta no questionário e as perguntas foram se os alunos deles com deficiência conseguem se adaptar facilmente a rotina e a sala de aula e as respostas foram variadas, alguns acreditam que sim e outros que não, mas, nesse ponto, senti a queixa de alguns docentes que disseram que precisam adaptar o conteúdo, mas não tem formação adequada de como adaptar esses conteúdos para os alunos, mas mesmo assim, eles dão um jeito de fazer funcionar e ensinar a esses jovens e adultos com deficiência.

³ nome fictício.

Quanto às professoras do reforço, uma delas disse que tenta ao máximo trabalhar em conjunto com a sala, trazer uma boa autoestima para esses alunos. Abaixo algumas dessas respostas são transcritas:

“Não. Quem tem que se adaptar sou eu mesmo. Mas eu continuo dizendo, intuitivamente, exemplo tem uma sala que eu compro material especificamente para uma pessoa com deficiência e na outra aula eu faço tipo atividades diferenciadas para aquelas pessoas que eu acho que tem alguma dificuldade muito grave certo?” (M1). [OUTUBRO, 2023] “Aos colegas eu não vejo problema não, né? Eles se acostumam e também... agora eu, eu é que tenho dificuldade porque eu não compreendo muito bem, né? Aí eu tenho dificuldade e é um sofrimento pra mim, porque eu trago atividade pra eles, mas eu não sei se... se aquele tá sendo... assim, em relação a Thalia, eu pude perceber nesse tempo todinho, ela já passou um ano comigo, é que ela está melhorando na coordenação motora. Ela não fala, né? Aí a gente traz algumas atividades, eu trago realmente atividade de coordenação motora. Ela tem melhorado bastante, mas eu não sei assim, como fazer para ela progredir. Não sei.” (L2). [OUTUBRO, 2023] “A questão da adaptação é um tanto que difícil porque esse aluno, um único aluno, possui, além da deficiência de surdez, possui deficiência intelectual. Então esse relacionamento é mais com a intérprete.” (J4). [OUTUBRO, 2023] “É assim, indo pela nossa pedagogia, o que eu procuro fazer todas as vezes? Primeiro resgatar a estima deles né? Para fazê-los se sentir dentro da sala, se envolver com a sala, porque se eles adquirirem essa segurança, essa confiança, eles vão ter o gosto por estar aqui. Então é uma busca constante, todo dia eu estou motivando, estou incentivando, e eles gostam disso.” (C6). [OUTUBRO, 2023]

A questão a seguir que foi perguntada para os docentes, tem muito haver com anterior respondida e a pergunta foi se eles acreditam que os alunos deles com deficiência conseguem aprender o conteúdo proposto em sala de aula em relação aos alunos deles que não possuem deficiência e o consenso foi geral de que não conseguem pegar o conteúdo proposto em sala de aula e no caso da aluna com TEA (Transtorno de Espectro Autista) a professora dela disse que não consegue ter uma ideia porque ela não fala e o professor disse que ela não consegue acompanhar integralmente, mas adapta o conteúdo para as necessidades dela.

Quanto às professoras do reforço, uma delas disse que queria que os professores pudessem adaptar o conteúdo deles e a outra falou que queria que existisse um diagnóstico preciso dos que precisam vir, quantos são e uma organização nessa parte para que conseguisse ensiná-los com mais facilidade Algumas das respostas serão transcritas a seguir:

“Não, eles têm que ter um olhar diferenciado. A EJA já precisa de um olhar diferenciado porque são pessoas que deixaram muito tempo de estudar e quando voltam ficam meio perdidos no tempo e no espaço. Já com isso, os alunos que têm deficiência se torna é... muito difícil para eles, se a gente não tiver cuidado eles não conseguem

ir pra frente a gente precisa ter uma atenção dobrada para esses alunos.” (M1). [OUTUBRO, 2023] “Porque eu tenho... atualmente, eu não posso te dizer isso. Eu não sei se ela aprende alguma coisa assim. Não sei. Ela não fala então assim.. Para mim, fica inalcançável saber isso.” (L2). [OUTUBRO, 2023] “É, no caso aí dela, ela não tem condições de acompanhar é... integralmente o conteúdo que é dado pro aluno considerado normal né? Então nesse caso aí a gente adapta o conteúdo para as condições da aluna especial” (F3). [OUTUBRO, 2023] “Não. Na realidade assim, hoje na área dos humanas, os temas são muito diversos e muito abertos. E assim para o aluno que tem dificuldade realmente ele necessita de uma atividade mais exclusiva né? E de forma geral eles são tratados como se eles fossem um aluno como outro qualquer. Então realmente como a disciplina ela é voltada para alunos que não têm necessidades especiais, aí gera uma dificuldade maior né? No caso” (R5). [OUTUBRO, 2023] “Não, em sala é complicado. Porque a maioria deles se alfabetizaram aqui. E eles têm uma mania horrível de serem alunos copiadores, o que eu acho uma pena. O que eu acho que funcionaria se eles fossem mais produtivos na sala de aula. Se o conteúdo fosse realmente adequado às necessidades de cada um e infelizmente a gente sabe que não é, né? Cada professor tem a sua carga horária e como eles dizem, como eles mesmo dizem, ‘a gente não é, nós não somos alfabetizadores’ né? Então cabe para nós, mas seria uma maravilha se acontecesse” (C6). [OUTUBRO, 2023] “Eu acho que não consegue bem não. É, mas não não é assim bem...através de um diagnóstico que ele tem a dificuldade, ele vem por reforço porque vem entendeu? Mas não tem assim dizendo que eles tem isso (alguma deficiência) isso eu sinto falta porque às vezes eu vou.... Mas também não adianta falar muita coisa” (N7). [OUTUBRO, 2023].

Consequente, a questão apresentada para eles foi com a temática da adaptação curricular que GLAT e OLIVEIRA (2012) descrevem que “*São modificações do planejamento, objetivos, atividades e formas de avaliação, no currículo como um todo ou em aspectos dele, de forma a acomodar TODOS os alunos.*” e a pergunta em questão foi se eles realizavam alguma atividade diferente com esses alunos ou adaptação curricular no seu plano de aula e alguns disseram que trazem atividades diferenciadas, outros que faziam essa adaptação curricular no planejamento das suas aulas tentando tornar a aula mais inclusiva e outros que dão uma atenção um pouco mais exclusiva para esses alunos.

Já as professoras do reforço, uma disse que traz atividades diferenciadas para seus estudantes e a outra disse que apenas reforça o que é dado em sala de aula com eles.

“Não... eu faço adaptações diferenciadas, eu faço todo fim de bimestre a gente tem que fazer uma fazer uma... uma declaração dizendo o que é que eles melhoraram e o que é que se tem que fazer certo? mas na maioria das vezes a gente consegue algumas coisas não é o ideal mas que consegue, consegue.” (M1). [OUTUBRO, 2023] “Pronto. A gente faz o que a gente chama de é... atividade Flex né? Eu chamo de atividade Flex mas o nome é atividade flexibilizada né? Que você... do conteúdo você adapta a capacidade desse aluno especial.” (F3). [OUTUBRO, 2023] “Sim. Normalmente as atividades são reduzidas e elas tem um apoio exclusivo para eles, ou seja, eu fico

mais voltado, né? Para esses alunos do que necessariamente para os outros.” (R5). [OUTUBRO, 2023] “Sim, todas as atividades são direcionadas de acordo com a necessidade de meus alunos, mesmo porque eu tenho diferentes níveis. Eu tenho alunos que ainda escrevem espelhado, né? E assim, uma menina de 15 anos escrever espelhado é complicado, né? Então assim, de acordo com a necessidade de cada um de aprendizagem, eu vou direcionando o trabalho. Se eu ver que dá...o quanto eu puder tirar, eu tiro. Mas se não, eu fico com ele ali e é tranquilo.” (C6). [OUTUBRO, 2023] Não, eu não preparo eu prefiro ele trazer o que é dado lá na sala aí aqui eu... eu faço o reforço. ((N7). [OUTUBRO, 2023]

Em seguida, as questões tratadas foram sobre a escola, a primeira questionava se a escola fornecia algum tipo de apoio e acessibilidade a esses alunos com atividades voltadas a eles e a segunda, seguindo esse mesmo assunto foi querendo saber se eles recebiam algum tipo de apoio pedagógico de materiais, funcionários e recursos para realizar atividades diferenciada com esses alunos que têm deficiência dentro da EJA e algumas respostas foram não e outras que sim, variando assim a opinião desses profissionais e criando uma discordância quanto a esse tema em específico. Algumas das respostas foram escolhidas para serem transcritas logo abaixo:

Ah... olha essa inclusão na escola porque eu acho que é a maior enganação porque eles não tem espaço para isso eles não tem pessoas adequadas para isso, o professor não tá preparado para isso, a gente se prepara na no dia a dia, nas boas intenções que nós temos para oferecer muitas vezes a gente tira do nosso bolso para poder facilitar a vida dessas pessoas. (...) Não, não tem. Não tem nem pra EJA em si, a EJA é um... é um local onde a gente tem que ter muita criatividade tem que ter muita boa vontade, traz as questões traz as coisas de casa, é ... procura trazer material é... de toda parte porque a EJA não tem o material próprio. Promessas foram feitas mas última vez que teve um material para a EJA eu acho que foi em 2016 eu acho, uns livros da moderna que eram muito bons certo? Por sinal a gente ainda conseguiu usar até acabar o material em si nas escolas mas não mais não, a gente mesmo é que tem que elaborar fazer um programa é...tirar xerox...é elaborar texto, elaborar questões de acordo com a necessidade de cada professor na sua disciplina. (M1).[OUTUBRO, 2023] “Não. Acho que só quem tem deficiência auditiva né? É que tem os tradutores, mas fora isso não tem nada.” (L2). [OUTUBRO, 2023] “É, no caso aí geralmente o professor né? No meu caso eu que preparo as atividades e eventualmente se for o caso a gente pede apoio ao psicopedagogo né? que no caso aqui funciona durante o dia né? (...) É... no caso aqui a gente recebe os materiais, né? mas é... até porque no caso dela né? Como ela é uma pessoa tranquila, a mãe que acompanha ela já consegue dar conta sem nenhuma necessidade extra.” (F3). [OUTUBRO, 2023]“Ela participa com algumas atividades (a escola) como também o professor e a própria intérprete. Sim, recebemos apoio de xerox, tem a questão da intérprete, né? E a gente consegue suprir essa necessidade.” (J4). [OUTUBRO, 2023] “Tenho que dizer?... Sim! Sempre que eu peço algum material pedagógico, eu consigo, né? Só falta mesmo a questão da sensibilidade de encaminhamento para as turmas do... encaminhar

esses alunos para serem assistidos pelo AEE, né?” (C6). [OUTUBRO, 2023].

E as últimas perguntas desse questionário foram bem parecidas, a primeira que eram duas perguntas juntas e perguntava a eles os principais desafios e dificuldades de se trabalhar ensinando pessoas com deficiência dentro da EJA e quais são os anseios deles para essa modalidade no futuro com pessoas com deficiência e as respostas foram bem amplas e detalhadas, bem diferentes uma das outras, mas com propósitos parecidos, todos almejam melhorias para a Educação de Jovens e Adultos sejam dando mais visibilidade ou aumentando a acessibilidade aos alunos com alguma deficiência, alguns reclamaram da falta de formação e uma das docentes que dá reforço disse que não tem planejamento e que isso para ela é ruim. Algumas das principais respostas foram escritas a seguir:

“Ai seria ótimo e a gente ia ter muito mais condições de ajudar essas pessoas porque a EJA não vai... não assim não acelera, porque além de não ter material próprio para ela ainda a gente tem um problema do pessoal que trabalha do pessoal que não consegue chegar na hora certa, do pessoal que trabalha extra e não deixa de trabalhar para vir para a aula, nós temos uma série de coisas na EJA que para trabalhar com ela tem que ter muito bom senso né? Tem que adaptar as coisas mesmo que a escola ou o município nos dê condições físicas é de material de tudo, ainda assim a gente tem que ter um olhar diferenciado porque quem estuda na EJA NÃO é como o dia a dia da escola normalmente porque todas essas pessoas a maioria trabalha e quando vai um adolescente de tarde de manhã pra noite é porque além dele tá fora de faixa aí ele ainda é um problema pra escola ele tá dando trabalho nos dois turno aí botam ele para de noite.(...) Eu só não quero que ela acabe porque se acabar vai fazer muita falta porque a gente é o... é a última saída para quem quer alguma coisa do adulto em si e a última saída para o os meninos da manhã e da tarde que não... que não tem mais para onde ir porque as escolas não querem é a gente manter eles na EJA entendeu?” (M1). [OUTUBRO, 2023] “Para mim é porque eu não tenho conhecimento nenhum. Não tenho. Eu não sei. Eu fico procurando ser o melhor que eu posso, mas sem nenhum conhecimento do assunto. (...) Que tivesse realmente material para eles. É uma... uma formação para a gente, né? Como é que a gente trabalha em uma coisa que a gente não conhece? E não tem um horizonte, não tem nada. Então se tivesse, a gente... ia tentando melhor, né? De forma melhor.” (L2). [OUTUBRO, 2023] “Pronto, o maior entrave seria a questão do professor, né? Não ter uma formação, ou seja, uma capacitação específica para trabalhar com esse público. O que eu almejo, particularmente, é que essas capacitações existam e que a gente possa suprimir a necessidade desses alunos com deficiência.” (J4). [OUTUBRO, 2023]. “Na realidade, o que a gente precisa é de um acompanhamento, né? Por parte de pessoas especializadas diretamente para esses alunos. Esses alunos na realidade eles também têm uma dificuldade muito grande de se ausentar da sala de aula, tirá-los da sala de aula. Então, o atendimento específico (reforço) é uma dificuldade, porque eles mesmo têm uma resistência muito grande quanto a isso, por diversos fatores, que eu acredito que assim, eles se sentem até inferiorizados quando eles são retirados da sala de aula com acompanhamento específico (reforço).

Mas assim, o que não justifica o fato de não ter. O ideal era que tivesse esse atendimento mais que exclusivo, mais voltado para eles.” (R5). [OUTUBRO, 2023] “Uma das coisas que pega muito aqui é...a infrequência deles, sempre tem a queda e também a questão de...que é o que eu chamo de assiduidade e também a questão de não ter um planejamento direcionado, por exemplo, eu estou aqui e fico a disposição deles, de todos eles, para fazer reforço mas eu não tenho dia para planejar, eu nem planejo né? Eu uso o que eu sei e pelo que eu conheço, então eu precisaria me organizar para poder me direcionar mas aí fica tranquilo...Mas isso existe. E é só.(...) Que eles realmente consigam se ver dentro da sociedade como... pessoas com direitos, mas também com deveres, que reconheçam o papel deles quanto aprendizes, que eles necessitam disso e que isso possa trazer benefícios para a vida de cada um, tanto profissional quanto estudante.” (C6). [OUTUBRO, 2023].

Por fim, a última pergunta feita para os docentes foi para saber se eles acham que algo deveria ser mudado dentro da EJA para aumentar a acessibilidade e aprendizado para pessoas com deficiência e as respostas também foram extensas, mas todos concordam que sim algo deveria ser mudado para aumentar essa acessibilidade e conseqüentemente o aprendizado, seja o município investindo na EJA ou capacitações, valorização, desses profissionais e tudo isso conseqüentemente acarretaria em uma melhora nessa modalidade de ensino e para os alunos que possuem deficiência dentro da Educação de Jovens e Adultos. As respostas podem ser conferidas logo em seguida:

“Eu acho que sim, como a EJA já é um turno diferenciado eu acho que as pessoas não deveriam... as direções, os dirigentes não deviam se preocupar com a quantidade mas sim com a qualidade do que a gente oferece por quê? Porque quantidade não quer dizer que tenha qualidade muita gente é... como é ... passado para outra série sem querer às vezes por que? porque não aprendeu então a EJA é o último lugar onde vai para aprender, então se vai para aprender não tem que ter pressa, tem que ter qualidade e focar em cada um porque na EJA cada um tem seu problema tem suas nuances tem suas deficiências porque já está na EJA porque teve uma deficiência, uma defasagem de conhecimento então é mais difícil, então requer mais tempo certo? Menos alunos em sala no máximo 20 estourando 25 né? Por quê? Porque senão vai ser só um joga pra frente porque não dá tempo a gente olhar um para cada um, ter um olhar para cada um, a gente tem mas não é como deve ser. “(M1). [OUTUBRO, 2023] “Era que tivesse realmente um olhar bem voltado para eles, né? Porque a gente vê, assim, que pelo menos à noite, a gente não vê... às vezes não sabe nem se tem aquele aluno, a gente diz assim “Ah, tem fulano que é autista” e respondem “Ah, é?” Aí é, acho que é complicado” (L2). [OUTUBRO, 2023] “Com certeza. Como eu falei anteriormente é.. nós precisamos de um incentivo de primeiro valorizar o trabalho da EJA né? Tornar a EJA uma coisa essencial que nos últimos anos vem se diminuindo, né? Esse incentivo da EJA, então incentiva a participação desses alunos na EJA, trazer os alunos para o turno da EJA e conseqüentemente criar condições para que pessoas especiais também possam participar da EJA, que já hoje ainda é um grande desafio.” (F3). [OUTUBRO, 2023] “Sim, deveria ter um

acompanhamento também para os professores, para que os professores pudessem desempenhar essas atividades da melhor forma possível. Porque o que acontece é que fica muito por conta do professor. Então, assim, alguns professores têm um pouco mais de vocação para essa situação e outros não, né? Mas se tivesse um acompanhamento específico para esses alunos e um acompanhamento melhor, talvez esses alunos se saíssem melhor.” (R5). [OUTUBRO, 2023] “Eu acho que sim. A começar por um suporte pedagógico direcionado para eles. Nós não temos. Nós temos o acompanhamento do AEE. somente durante o dia nessa escola. À noite a gente não tem. É o que eu observo, o que eu digo, mas ali fica. Entendeu? E é isso.” (C6). [OUTUBRO, 2023].

Sendo assim, é possível observar algo que falta muito entre os/as professores essa falta de formação enquanto profissionais e a capacitação que não lhes é fornecida que de acordo com Freire (1996, p. 25), “[...] *quem forma se forma e re-forma ao formar e quem é formado formase e forma ao ser formado*” então, entende-se a importância de uma formação continuada para esses docentes para que eles consigam formar e ensinar pessoas com deficiência dentro da EJA.

9. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Desta forma, é possível concluir através desta pesquisa que de fato falta se investir na Educação de Jovens e Adultos, principalmente quando se trata de pessoas com deficiência o que não é uma pauta muito falada e até a secretaria de educação do município não faz essa dita separação de verbas direcionadas apenas para isso e sim para um todo, para a educação especial e pessoas com deficiência e quando perguntados se poderiam dar estes dados à comunicação foi cortada e foi recusado.

Falta também um maior cuidado por parte da escola e interesse em incluir esses alunos na educação e não apenas integrá-los, mas de fato, darem uma educação voltada para eles e quanto aos professores falta muita formação em relação a essas pautas e informação também, poderia ser oferecidos cursos pela secretaria para ajudar nessa inclusão ou atividades escolares em que todos os alunos poderiam participar com o objetivo de incluir os que têm deficiência e claro instruir aos professores como realizar uma adaptação curricular que de fato possa incluir os alunos com deficiência dentro da EJA.

É importante também salientar que a inclusão não tem que ser apenas para uns e sim para todos, disponibilizar materiais para quem tem Transtorno de Espectro Autista assim como é disponibilizado também para o aluno que tem Deficiência Auditiva, além de implantar cuidadores pela noite e profissionais do AEE que possam auxiliar esses discentes

que são deixados de lado no turno da noite e alguns até não verdadeiramente diagnosticados. É escasso também um diálogo entre secretaria, escola e professores porque há uma discrepância entre os números apresentados pela secretaria de alunos com deficiência dentro da EJA no EMEIF Dep. José Martins Rodrigues e o número apresentado pelos professores e alguns desses alunos só vão conseguir de fato serem incluídos e aprenderem quando houver esse diálogo e isso tudo for repassado aos professores de forma correta.

O município de Maracanaú-CE, região metropolitana de Fortaleza-CE também precisa somar as escolas com um apoio psicossocial e multidisciplinar como a mãe da aluna com TEA disse que sente muita falta, porque ela sabe que a filha dela estaria melhor na sua desenvoltura e aprendizado se tivesse um acompanhamento de neurologista, psiquiatra, psicólogo e fonoaudiólogo, todos esses profissionais juntamente com os professores e cuidadores somam para uma educação de qualidade e inclusiva.

Algo que também é possível observar é a falta de acompanhamento da escola com alguns desses alunos e os professores parecem até perdidos sem saber se eles conseguem aprender algo e absorver o conteúdo passado, o que acontece pela falta de um suporte na psicopedagogia da escola e no AEE que não existe pela noite e essa lacuna causa grandes prejuízos para esses alunos dentro de sala de aula por não conseguirem avançar bem em algumas aspectos do conteúdo abordado.

A EJA por si só já é um ambiente em que se precisa de muito afinho para se continuar ensinando, pois como os professores mesmo falaram, não existe nem livro didático para eles e os alunos em si já são enviados para estudar naquele turno por não terem sido aceitos em nenhum outro turno e por estarem fora de faixa, então se torna bem mais complicado inserir estes futuros trabalhadores, pesquisadores na sociedade se não se investe ou se importam com seus futuros, ainda mais quando se é um aluno com deficiência.

A pergunta que fica é: Como incluir esses alunos com deficiência dentro da EJA? A resposta é simples, os enxergar e ajudar, incluir e ter certeza que os direitos deles estão sendo dados e respeitados, porque assim como dito anteriormente durante esse trabalho, eles têm esse direito assegurado por lei e todos merecem ter uma educação que seja inclusiva e que tenha esse olhar mais voltado para os alunos que mais precisam.

Para concluir, também é importante que essa visibilidade venha também de dentro da própria academia e que as faculdades, futuros profissionais da educação, pesquisadores, docentes e instituições da educação falem sobre isso e estudem sobre esse público em específico para que mais trabalhos sobre esse assunto possam vir à tona para no fim dar voz a essas pessoas e tentar mudar um pouco da suas realidades, trazer essa pauta para dentro das

salas de aula na faculdade, no ensino médio e até na educação de jovens e adultos é fundamental porque às vezes nem eles mesmos param para pensar sobre isso e ter consciência dessas pessoas que são deixadas de lado pela sociedade e como isso impacta na vida delas e de quem as ama, seja parentes, amigos e etc.

Acredito que não seja fácil você ver uma filha não ter a assistência que merece e serem negado seus direitos de uma educação plena, mas mesmo assim dona Rosário não desistiu e não pretende desistir da educação, então cabe a nós não desistirmos disso junto com ela.

10. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BEZERRA. Lourayne Natiely Vanderlei. ANTERO. Katia Farias. **Um breve histórico da educação inclusiva no brasil.** Maceió - AL, CONEDU, 2020.

BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil: promulgada em 5 de outubro de 1988.** 4. ed. São Paulo: Saraiva, 1990.

BRASIL. **Decreto de Nº 10.502, de 30 de Setembro de 2020.** Dispõe sobre Institui a Política Nacional de Educação Especial: Equitativa, Inclusiva e com Aprendizado ao Longo da Vida. Disponível em: <<https://www.in.gov.br/en/web/dou/-/decreto-n-10.502-de-30-de-setembro-de-2020-280529948>>. Acesso em: 22 jan. 2023

BRASIL. **Decreto Nº 5.626, De 22 De Dezembro De 2005.** Regulamenta a Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002, que dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais - Libras, e o art. 18 da Lei nº 10.098, de 19 de dezembro de 2000. Disponível em: <https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2004-2006/2005/Decreto/D5626.htm> Acesso em: 27 set. 2023.

BRASIL. **Decreto nº 7.612, de 17 de novembro de 2011.** Institui O Plano Nacional Dos Direitos Da Pessoa Com Deficiência - Plano Viver Sem Limite. Disponível em:<<https://legislacao.presidencia.gov.br/atos/?tipo=DEC&numero=7612&ano=2011&ato=a37ITUU9UMVpWTc36>> Acesso em: 30 nov. 2023.

BRASIL. **Decreto Nº 7.612, De 17 De Novembro De 2011.** Institui o Plano Nacional dos Direitos da Pessoa com Deficiência - Plano Viver sem Limite. Disponível em: <https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2011-2014/2011/decreto/d7612.htm> Acesso em:

25 jul. 2023.

BRASIL. Diretrizes Operacionais Da Educação Especial Para O Atendimento Educacional Especializado Na Educação Básica. Ministério da Educação (MEC), Secretaria de Educação Especial. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=428-diretrizes-publicacao&Itemid=30192> Acesso em: 25 jul. 2023.

BRASIL. Lei Nº 12.764, De 27 De Dezembro De 2012. Institui a Política Nacional de Proteção dos Direitos da Pessoa com Transtorno do Espectro Autista; e altera o § 3º do art. 98 da Lei nº 8.112, de 11 de dezembro de 1990. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2011-2014/2012/lei/112764.htm> Acesso em: 27 set. 2023.

BRASIL. Lei nº 13.146/2015 de 07 de Julho de 2015. Dispõe da Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência (Estatuto da Pessoa com Deficiência). Disponível em: <https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2015/lei/113146.htm> Acesso em: 02 jun. 2023.

BRASIL. Lei Nº 9.394, De 20 De Dezembro De 1996. Dispõe sobre as diretrizes e bases da educação nacional. Disponível em: <https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/L9394.htm> Acesso em: 22 de jan. 2023.

BRASIL. Parecer CNE/CEB nº 01/2021 de 18 de março de 2021. Reexame do Parecer CNE/CEB nº 6, de 10 de dezembro de 2020, que tratou do alinhamento das Diretrizes Operacionais para a Educação de Jovens e Adultos (EJA) apresentadas na Base Nacional Comum Curricular (BNCC), e outras legislações relativas à modalidade. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/conselhonacionaldeeducacao/divulgacao/30000uncategorised/90911-parecerceb2021#:~:text=ParecF2021%2C%20aprovado%20>> Acesso em: 25 de jun. 2023.

BRASIL. Projeto De Lei N.O 4.731, De 2012. Dispõe sobre a alteração do parágrafo único do art. 25 da Lei no 9.394, de 20 de dezembro de 1996 (Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional), para estabelecer o número máximo de alunos por turma na pré-escola e no ensino fundamental e médio. Disponível em: <<https://www.camara.leg.br/noticias/396117-proposta-fixa-numero-maximo-de-alunos-portur ma>> Acesso em: 30 nov. 2023.

BRASIL. Resolução N O. 01/2021 De 25 De Maio De 2021. Institui Diretrizes Operacionais para a Educação de Jovens e Adultos nos aspectos relativos ao seu alinhamento à Política Nacional de Alfabetização (PNA) e à Base Nacional Comum Curricular (BNCC), e Educação de Jovens e Adultos a Distância. Disponível em: <https://www.gov.br/mec/pt-br/media/acao_informacao/pdf/DiretrizesEJA.pdf> Acesso em: 25 jun. 2023.

CABRAL, D. Instituto dos Surdos-Mudos. MAPA (Memória da Administração Pública), 2015. Disponível em: <<http://mapa.an.gov.br/index.php/menu-de-categorias-2/365-institutodos-surdos-mudos>> Acesso em: 21 jan. 2023.

CRUZ, P. (Todos Pela Educação). ; MONTEIRO, L. (Editora Moderna). **Anuário Brasileiro da Educação Básica 2021**. Todos Pela Educação, 2021. Disponível em: <https://todospelaeducacao.org.br/wordpress/wpcontent/uploads/2021/07/Anuario_21final.pdf>. Acesso em: 21 jan. 2023.

FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

GARNICA, A.V.M. **História Oral e Educação Matemática**. In: BORBA, M.C; ARAÚJO, J.L (Org) Pesquisa Qualitativa em Educação Matemática. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. São Paulo, SP: Atlas, 2002.

GLAT, Rosana; OLIVEIRA, Eloiza da Silva Gomes de. **Adaptação Curricular**. Instituto Inclusão Brasil, Cid -11 Mudanças No Diagnóstico Do Transtorno Do Espectro Autista. São Paulo, 2021.

JÚNIOR, Lanna; MARTINS, Mário Cléber. **História do Movimento Político das Pessoas com Deficiência no Brasil**. – Brasília: Secretaria de Direitos Humanos. Secretaria Nacional de Promoção dos Direitos da Pessoa com Deficiência, 2010.

Movimento Pela Base; Cenpec; Ação Educativa; Instituto Paulo Freire, Em Busca De Saídas Para A Crise Das Políticas Públicas De Eja. Cenpec, 2022. Disponível em: <https://www.cenpec.org.br/wpcontent/uploads/2022/10/MovimentoBase_Noctua_Material-EJA_2022_09_v12-1.pdf>. Acesso em: 17 jan. 2023.

NASCIMENTO, Álisson Raul Melo; CHAVES, Valdianny da Glória Albuquerque; COSTA, Maria Adilza; TORRES, Vanessa Cavalcanti. **Linha do Tempo Na Educação Inclusiva: Tecnologias Como Subsídio Para Aprendizagem**. Disponível em: <<https://even3.blob.core.windows.net/anais/70138.pdf>>. Acesso em: 21 jan. 2023.

NOGUEIRA, L. R. M. **Educação Inclusiva no Brasil e no Paraguai**. Porto Alegre: Looz Comunicação, 2019.

REBELO, A. S. KASSAR, M. de C. M. **Escolarização dos alunos da educação especial na política de educação inclusiva no Brasil**. Inclusão Social, [S. l.], v. 11, n. 1, 2018.

RUTTER, M. L. **Progress in understanding autism: 2007 – 2010**. *Journal of Autism and Developmental Disorders*. 41, 395 – 404, 2011.

SÃO PAULO. Organização Mundial da Saúde (OMS), Organização Pan-Americana da Saúde (OPAS). **Transtorno do espectro autista**. OMS; Disponível em: <<https://www.paho.org/pt/topicos/transtorno-do-espectro-autista>>. Acesso em: 30 nov. 2022.

ESPANHA. **Declaração de Salamanca de 07 a 10 de junho de 1994**. Sobre princípios, políticas e práticas na área das necessidades educativas especiais. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/seesp/arquivos/pdf/salamanca.pdf>>. Acesso em: 04 jun. 2023.

BRASIL. **Decreto N° 8.364, De 02 De Dezembro De 2014.** Regulamenta a Lei N° 12.764 de 27 de dezembro de 2012, que institui a Política Nacional de Proteção dos Direitos da Pessoa com Transtorno de Espectro Autista. Disponível em: <https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2011-2014/2014/decreto/d8368.htm.> Acesso em: 22 de jan. 2023.

ANEXOS

APÊNDICE UM

Descrição da entrevista com a mãe da aluna com TEA (Transtorno do Espectro Autista)

Entrevistadora: Boa noite, como você sabe, me chamo Amanda! Estou fazendo uma pesquisa para meu TCC e eu queria saber da senhora... Quantos anos você tem?

Entrevistada: Cinquenta e Nove

Entrevistadora: Você reside em Maracanaú?

Entrevistada: É! Eu moro no Timbó

Entrevistadora: Certo. Você tem alguma formação escolar?

Entrevistada: É... eu tenho ensino médio.

Entrevistadora: Quantos anos sua filha tem

Entrevistada: Trinta e um anos

Entrevistadora: Ela tem diagnóstico?

Entrevistada: Tem. Ela tem autismo infantil moderado.

Entrevistadora: Ela tem desde quantos anos o diagnóstico?

Entrevistada: Desde oito anos, ela tem trinta e um e na época era mais difícil o diagnóstico.

Entrevistadora: Ela já frequentou outras escolas antes?

Entrevistada: Já mas não ficou muito tempo... porque é muito difícil a inclusão.

Entrevistadora: Faz quanto tempo que ela estuda aqui? (No Martins Rodrigues)

Entrevistada: Ano passado. Tá com uns dois anos.

Entrevistadora: Dentro da EJA ela já frequentou outras escolas?

Entrevistada: Não. Eu já coloquei ela em uma escola mas era lá na Messejana mas era mesmo de séries iniciais.

Entrevistadora: Quando você tentou colocar ela na escola, como foi esse processo? Antes da EJA

Entrevistada: Amanda, é porque assim...eu nunca acreditei em inclusão na prática pelo fato dela ser menina eu acho que eu também (tinha receio) e os colégios que eu procurei não tinham cuidadores e as professoras não... assim pela idade dela....você sabe que hoje em dia ainda é difícil né? Não tinham professores nem pessoas com muita experiência e eu não tinha coragem de colocar ela em uma sala de aula com adolescentes se não tivesse quem cuidasse dela especialmente.

Entrevistadora: Você sempre foi a acompanhante dela em sala de aula?

Entrevistada: Sempre, sempre.

Entrevistadora: Por que você decidiu matricular ela na EJA?

Entrevistada: Porque assim...vai passando o tempo e ela não tem autonomia, ela é um bebê não fala e o entendimento dela é de uma criancinha mas a gente tem que tentar, tentar, tentar e ir perseverando.

Entrevistadora: Você sente que é tranquilo estar com ela em sala de aula? Sente falta que ela tenha algum acompanhamento, um cuidador (a) e etc?

Entrevistada: Ah eu sinto.... não é culpa da professora né? Eu fico à vontade com ela mas assim nada como um cuidador, uma pessoa formada e tem a experiência de ter uma especialização na área e é muito importante isso para o aprendizado

Entrevistadora: Tem dias que você falta também por conta da saúde e ela falta junto?

Entrevistada: É tem isso também mas a Thalia é meu chaveirinho, para todo canto que eu tenho que ir vai a Tássia, eu vou pra um médico todo canto com ela e se tivesse um cuidador eu precisaria trabalhar isso em mim pra deixar ela no colégio sem mim e talvez eu não deixasse pelo fato dela não falar, não ter autonomia, não saber ir ao banheiro sozinha. Ela sabe em casa né? mas aqui ela não tem cuidado, tem dificuldade.

Entrevistadora: Você sente que a escola te dá todo apoio e material necessário para trabalhar com ela?

Entrevistada: Não, se a gente falar que as escolas públicas dão apoio não está falando a verdade né? A questão às vezes não é nem a escola e sim os governantes que não oferecem a condição do profissional se especializar né?

Entrevistadora: Você está falando das escolas públicas no geral?

Entrevistada: É... aqui os professores se esforçam né? Não tenho nada do que reclamar mas às vezes eles têm muita dificuldade né? Porque é novidade, não tem outro aluno aqui (com TEA) entendeu? mas eu gosto muito daqui

Entrevistadora: Você sente que algo poderia melhorar se tivesse um atendimento especializado para ela? (AEE)

Entrevistada: Com certeza. Agora mesmo, sexta-feira (na semana da entrevista) fui na UNIFOR para ver se conseguia um atendimento com fonoaudiólogo (a) e psicólogo (a) mas eles não tem... como a prefeitura daqui não tem convênio com o programa de lá ela não tem direito e depois de adulto Amanda, é muito difícil conseguir uma vaga com uma equipe multidisciplinar, muito difícil.

Entrevistadora: Você acredita que sua família conseguiu progredir estudando aqui?

Entrevistada: Sim. Ela tá progredindo, porque antes ela tinha muita dificuldade em cobrir né? E assim para uma mãe qualquer coisa é um avanço porque ela tem o diagnóstico desde que tinha oito anos de idade, né? Quer dizer, eu vejo que ela tem muita vontade de aprender e nesse momento se ela tivesse as terapias, como te falei a equipe multidisciplinar né? Ela ia avançar muito, tenho certeza porque autista tem aquele momento, né? Dizem que eles tem aquele momento em que eles conseguem pegar (focar) nas coisas (aprender o conteúdo) mesmo assim eu sou muito confiante.

Entrevistadora: Você acredita que uma hora essa situação irá mudar?

Entrevistada: Eu acredito assim mas não tô nossa, ansiosa pra que isso mude mas ao passar do tempo que a gente vai envelhecendo quem sabe... (as coisas mudem)

Entrevistadora: Certo, são essas perguntas que eu queria fazer com você e obrigada pela disposição de falar comigo e há algo mais que você gostaria de dizer?

Entrevistada: Só que eu agradeço e fico muito feliz que você tenha escolhido essa área, é muito bacana ter ela como aprendizado (área de pesquisa)

Entrevistadora: Obrigada!

Entrevistada: Por nada.

APÊNDICE DOIS

Roteiro de perguntas das entrevistas com os professores

Conceitos:

Adaptação curricular - São modificações do planejamento, objetivos, atividades e formas de avaliação, no currículo como um todo ou em aspectos dele, de forma a acomodar TODOS os alunos. (GLAT e OLIVEIRA, 2012)

Pessoa com Deficiência - aquela que tem impedimentos de longo prazo de natureza física, mental, intelectual ou sensorial, os quais, em interação com diversas barreiras, podem obstruir sua participação plena e efetiva na sociedade em igualdade de condições com as demais pessoas (BRASIL, 2020)

AEE - tem como função identificar, elaborar e organizar recursos pedagógicos e de acessibilidade que eliminem as barreiras para a plena participação dos alunos, considerando suas necessidades específicas. (MEC, 2008)

Questionário 1 - Características dos/as DOCENTES

Parte 01 - Perfil dos entrevistados

- Idade: ____ anos
- Sexo: Feminino () Masculino () Prefiro não citar ()

- Raça: Preto () Pardo () Branco () Indígena () Amarelo ()
- Reside em Maracanaú? Sim () Não (). Onde? _____

Parte 02 - Perfil acadêmico dos docentes

- Qual a sua formação acadêmica? _____
- Há quanto tempo você leciona? ___ anos
- E há quanto tempo você leciona nesta escola? ___ anos
- Você é professor efetivo (a)? Sim () Não ()
- Há quanto tempo você trabalha com a EJA? ___ anos
- Faz muito tempo que você trabalha com a EJA nessa instituição? ___ anos
- Você tem alguma formação específica no AEE ou algum curso, pós graduação em Educação Especial Inclusiva? Sim () Quais? _____ Não ()

Questionário 2 - Perguntas referentes a pesquisa

Você tem algum aluno com deficiência na sua sala de aula? Sim () Quantos? _____ Não ()

Em relação à pergunta anterior, quais são os tipos de deficiência que seus alunos possuem?

De acordo com a definição citada acima () _____

Se seus alunos possuem TEA (Transtorno de Espectro Autista), TDAH (Transtorno de Déficit de Atenção com Hiperatividade) ou alguma deficiência intelectual, eles têm devido diagnóstico?

() _____

Algum dos seus alunos com deficiência tem algum acompanhante especializado? (intérpretes, cuidadores, profissional do AEE e etc)

Sim. Como isso acontece? () _____

Não. Por que isso não acontece? () _____

Como funciona a dinâmica dos seus alunos com deficiência em sala de aula? Acredita que eles conseguem se adaptar facilmente aos colegas e a rotina de uma sala?

() _____

Você acredita que seus alunos que têm algum tipo de deficiência conseguem aprender o conteúdo que é proposto em sala de aula em relação aos outros alunos que não possuem deficiência? Disserte

() _____

Você prepara alguma atividade diferente para esses alunos com deficiência ou realiza alguma adaptação curricular no seu plano de aula?

() _____

A escola fornece algum tipo de apoio e acessibilidade a esses alunos com atividades voltadas a eles?

() _____

Sobre a escola, você recebe apoio pedagógico de materiais, funcionários e recursos para realizar atividades diferenciadas para os alunos com deficiência dentro da EJA?

() _____

De acordo com sua opinião, quais são os principais desafios e dificuldades de se trabalhar ensinando pessoas com deficiência dentro da EJA? E quais são seus anseios para essa modalidade de ensino no futuro para pessoas com deficiência?

() _____

Por fim, você acha que algo deveria ser mudado dentro da EJA para aumentar a acessibilidade e aprendizado para pessoas com deficiência?

Sim. Explique o quê () _____ Não ()

APÊNDICE QUATRO: Transcrição das entrevistas com os professores

APÊNDICE CINCO: M1 - Maria

Entrevistadora: Me fala a sua idade

Maria (M1): Eu tenho 65

Entrevistadora: Seu sexo?

Maria (M1): Eu sou do sexo feminino.

Entrevistadora: Raça?

Maria (M1): Eu acho que eu sou parda

Entrevistadora: E você reside em Maracanaú?

Maria (M1): Não, em Fortaleza.

Entrevistadora: Qual a sua formação acadêmica?

Maria (M1): Eu sou...eu tenho mestrado

Entrevistadora: Em que área?

Maria (M1): Em educação.

Entrevistadora: Certo.

Maria (M1): Só não é em Educação Especial

Entrevistadora: Uhum. E há quanto tempo você leciona?

Maria (M1): 32 anos

Entrevistadora: Há quanto tempo você leciona aqui nessa escola?

Maria (M1): Ah aqui vai fazer 9 meses

Entrevistadora: E você é professora efetiva?

Maria (M1): Sou

Entrevistadora: E há quanto tempo você trabalha com a EJA?

Maria (M1): 10 anos

Entrevistadora: E faz muito tempo que você trabalha com a EJA nessa instituição?

Maria (M1): 10 anos

Entrevistadora: Aqui no Martins Rodrigues?

Maria (M1): Não aqui é 8 meses mas na EJA é 10 anos

Entrevistadora: Você tem alguma formação específica no AEE ou algum tipo de curso, pós-graduação em educação especial inclusiva?

Maria (M1): Não tenho não é muito intuitivo, porque eu tenho um filho portador da Síndrome de Down então... eu tenho conhecimento de leitura mas não tenho formação específica, eu tenho leitura por conta do meu filho que ele é especial

Entrevistadora: Passando agora para a outra parte das perguntas. Você tem algum aluno com deficiência na sua sala de aula?

Maria (M1): Tem um auditivo no final I e no final II tenho dois que não sei o laudo

Entrevistadora: Não sabe?

Maria (M1): Não tem um laudo específico, pelo menos que eu saiba.

Entrevistadora: Em relação à pergunta anterior, sobre a deficiência. Quais são os tipos de deficiência que seus alunos possuem? Você sabe, de acordo com a definição que foi falada aqui.

Maria (M1): Na maioria das vezes é Auditivo ou então é... é Hiperativo ou então Déficit de aprendizado mesmo mas eu não vejo ... não tenho assim pessoas ... nunca tive pessoas com Autismo nem nada do tipo que também é uma coisa relativamente nova né? Dentro da educação agora.

Entrevistadora: E Se seus alunos possuem TEA (Transtorno de Espectro Autista), TDAH (Transtorno de Déficit de Atenção com Hiperatividade) ou alguma deficiência intelectual, eles têm devido diagnóstico?

Maria (M1): Alguns têm outros não a minoria tem a maioria não tem.

Entrevistadora: Uhum.

Maria (M1): É só questão de intuição e observação e leitura que a gente descobre que tem algum problema.

Entrevistadora: Algum dos seus alunos com deficiência tem um acompanhante especializado, intérprete?

Maria (M1): Aqui tem uma intérprete mas nas outras escolas que eu já ensinei é difícil tem uma para cinco ou seis alunos,

Entrevistadora: O aluno que tem intérprete é o aluno que tem deficiência auditiva, né? E os outros?

Maria (M1): Os outros não.

Entrevistadora: Como funciona a dinâmica dos seus alunos com deficiência em sala de aula? Você acredita que eles conseguem se adaptar facilmente aos colegas e a rotina da sala?

Maria (M1): Não. Quem tem que se adaptar sou eu mesmo. Mas eu continuo dizendo, intuitivamente, exemplo tem uma sala que eu compro material especificamente para uma pessoa com deficiência e na outra aula eu faço tipo atividades diferenciadas para aquelas pessoas que eu acho que tem alguma dificuldade muito grave certo?

Entrevistadora: Certo. Você acredita que seus alunos que têm algum tipo de deficiência, eles conseguem aprender o conteúdo que é proposto em sala de aula em relação aos outros alunos que não possuem deficiência?

Maria (M1): Não, eles têm que ter um olhar diferenciado a EJA já precisa de um olhar diferenciado porque são

Pessoas que deixaram muito tempo de estudar e quando voltam ficam meio perdidos no tempo e no espaço. Já com isso, os alunos que têm deficiência se tornam... muito difíceis para eles, se a gente não tiver cuidado eles não conseguem ir pra frente a gente precisa ter uma atenção dobrada para esses alunos.

Entrevistadora: Aham. Você prepara alguma atividade diferente para esses alunos com deficiência ou realiza alguma adaptação curricular no seu plano de aula?

Maria (M1): não... eu faço adaptações diferenciadas eu faço todo fim de bimestre a gente tem que fazer uma fazer uma... uma declaração dizendo o que é que eles melhoraram e o que é que se tem que fazer certo? mas na maioria das vezes a gente consegue algumas coisas não é o ideal mas que consegue, consegue

Entrevistadora: Uhum. A escola fornece algum tipo de apoio e acessibilidade a esses alunos com atividades voltadas a eles?

Maria (M1): Ah... olha essa inclusão na escola porque eu acho que é a maior enganação porque eles não tem tem espaço para isso eles não tem pessoas adequadas para isso, o professor não tá preparado para isso, a gente se prepara na no dia a dia, nas boas intenções que nós temos para oferecer muitas vezes a gente tira do nosso bolso para poder facilitar a vida dessas pessoas.

Entrevistadora: Continuando.... sobre a escola você recebe apoio pedagógico de materiais, funcionários e recursos para realizar atividades diferenciadas para esses alunos dentro da EJA?

Maria (M1): Não, não tem. Não tem nem pra EJA em si, a EJA é um... é um local onde a gente tem que ter muita criatividade tem que ter muita boa vontade, traz as questões traz as coisas de casa, é ... procura trazer material é... de toda parte porque a EJA não tem o material próprio. Promessas foram feitas mas última vez que teve um material para a EJA eu acho que foi em 2016 eu acho, uns livros da moderna que eram muito bons certo? Por sinal a gente ainda conseguiu usar até acabar o material em si nas escolas mas não mais não, a gente mesmo é que tem que elaborar fazer um programa é...tirar xerox...é elaborar texto, elaborar questões de acordo com a necessidade de cada professor na sua disciplina.

Entrevistadora: Uhum e de acordo com a sua opinião. Quais são os principais desafios e dificuldades de se trabalhar ensinando pessoas com deficiência dentro da EJA? e quais são seus anseios para que essa modalidade mude com o passar do tempo?

Maria (M1): ai seria ótimo e a gente ia ter muito mais condições de ajudar essas pessoas porque a EJA não vai... não assim não acelera, porque além de não ter material próprio para ela ainda a gente tem um problema do pessoal que trabalha do pessoal que não consegue chegar na hora certa, do pessoal que trabalha extra e não deixa de trabalhar para vir para a aula, nós temos uma série de de coisas na EJA que para trabalhar com ela tem que ter muito bom senso né? Tem que que adaptar as coisas mesmo que a escola ou o município nos dê condições físicas é de material de tudo, ainda assim a gente tem que ter um olhar diferenciado porque quem estuda na EJA NÃO é como o dia a dia da escola normalmente porque todas essas pessoas a maioria trabalha e quando vai um adolescente de tarde de manhã pra noite é porque além dele tá fora de faixa aí ele ainda é um problema pra escola ele tá dando trabalho nos dois turno aí botam ele para de noite.

Entrevistadora: Quais são seus anseios para que essa modalidade ens no futuro?

Maria (M1): Eu só não quero que ela acabe porque se acabar vai fazer muita falta porque a gente é o... é a última saída para quem quer alguma coisa do adulto em si e a última saída para o os meninos da manhã e da tarde que não... que não tem mais para onde ir porque as escolas não querem é a gente manter eles na EJA entendeu?

Entrevistadora: E por fim você acha que algo deveria ser mudado dentro da EJA para aumentar a acessibilidade e o aprendizado para pessoas com deficiência?

Maria (M1): eu acho que sim como a EJA já é um turno diferenciado eu acho que as pessoas não deveriam... as direções, os dirigentes não deviam se preocupar com a quantidade mas sim com a qualidade do que a gente oferece por quê? Porque quantidade não quer dizer que tenha qualidade muita gente é... como é ... passado para outra série sem querer às vezes por que? porque não aprendeu então a EJA é o último lugar onde vai para aprender, então se vai para aprender não tem que ter pressa, tem que ter qualidade e focar em cada um porque na EJA cada um tem seu problema tem suas nuances tem suas deficiências porque já está na EJA porque teve uma deficiência, uma defasagem de conhecimento então é mais difícil, então requer mais tempo certo? Menos alunos em sala no máximo 20 estourando 25 né? Por quê? Porque senão vai ser só um joga pra frente porque não dá tempo a gente olhar um para cada um, ter um olhar para cada um, a gente tem mas não é como deve ser.

Entrevistadora Certo. Obrigada pela participação na pesquisa

Maria (M1): Obrigada você.

APÊNDICE SEIS: L2 - Lourdes

Entrevistadora: Boa noite, professora.

Lourdes (L2): Boa noite.

Entrevistadora: Peço permissão para gravar nossa conversa para o meu trabalho de pesquisa.

Lourdes (L2): Uhum.

Entrevistadora: Primeiro vou só ler essa parte dos conceitos, para você se situar um pouco mais. Esse é um conceito de adaptação curricular, São modificações do planejamento, objetivos, atividades e formas de avaliação,

no currículo como um todo ou em aspectos dele, de forma a acomodar TODOS os alunos. por GLAT e OLIVEIRA. Pessoa com deficiência é aquela que tem impedimentos de longo prazo de natureza física, mental, intelectual ou sensorial, os quais, em interação com diversas barreiras, podem obstruir sua participação plena e efetiva na sociedade em igualdade de condições com as demais pessoas de acordo com o planalto e o AEE tem como função identificar, elaborar e organizar recursos pedagógicos e de acessibilidade que eliminem as barreiras para a plena participação dos alunos, considerando suas necessidades específicas segundo o MEC. Agora sobre as características. Sua idade?

Lourdes (L2): 64 anos.

Entrevistadora: Sexo?

Lourdes (L2): Feminino.

Entrevistadora: Raça?

Lourdes (L2): Parda.

Entrevistadora: Reside em Maracanaú?

Lourdes (L2): Não.

Entrevistadora: Onde?

Lourdes (L2): Em Fortaleza, no bairro do Messejana..

Entrevistadora: Qual a sua formação acadêmica?

Lourdes (L2): Eu sou formada em Pedagogia e Direito.

Entrevistadora: Há quanto tempo você leciona?

Lourdes (L2): 20 anos.

Entrevistadora: E há quanto tempo você leciona aqui no Martins Rodrigues?

Lourdes (L2): 11

Entrevistadora: Você é professora efetiva?

Lourdes (L2): Sim.

Entrevistadora: Há quanto tempo você trabalha com a EJA?

Lourdes (L2): Enfim, dos 20 né? uns 14.

Entrevistadora: Faz muito tempo que você trabalha com a EJA aqui no Martins Rodrigues?

Lourdes (L2): 10 anos, quase 11. O tempo que eu estou aqui é na EJA.

Entrevistadora: Você tem alguma formação específica no AEE ou algum curso pós-graduação em educação especial inclusiva?

Lourdes (L2): Não.

Entrevistadora: Perguntas referentes à pesquisa. Você tem algum aluno com deficiência em sala de aula?

Lourdes (L2): Com laudo eu tenho uma, né? e tem mais algumas pessoas que a gente desconfia que tem, algo mas não tem laudo.

Entrevistadora: Uhum. Em relação à pergunta anterior, quais são os tipos de deficiência que seus alunos possuem de acordo com a definição de deficiência citada anteriormente?

Lourdes (L2): é autista, né? A Thalia. Agora os que eu acho que tem alguma coisa, eu não sei dizer o que é não. A gente acha que isso é dificuldade de aprendizado, né? Tem os que têm até dificuldade na fala, mas aí eu não sei. Não posso dar diagnóstico.

Entrevistadora: Se os alunos possuem TEA (Transtorno do Espectro Autista) TDAH (Transtorno de Déficit de Atenção Com Hiperatividade) ou alguma deficiência intelectual, eles têm devido diagnóstico?

Lourdes (L2): Quem tem um diagnóstico é a Thalia, essa eu sei que tem os outros ninguém nem fala nisso é como se eles fossem qualquer... e pode até ser eu que esteja vendo algo que não seja, não sei. Essa questão de dificuldade é grande, grande mesmo

Entrevistadora: Alguns dos seus alunos com deficiência têm algum acompanhante especializado? Intérpretes, cuidadores, profissionais do AEE?

Lourdes (L2): Não, aqui não. A Thalia vem para a mãe dela.

Entrevistadora: E por que você acha que isso não acontece?

Lourdes (L2): A noite é muito difícil, a noite aqui na EJA, as vezes nos outros anos aconteceu assim de vir uma pessoa, acho que ela vinha de livre e espontânea vontade para vir uma vez ou outra, mais alguém para a noite, não vem não

Entrevistadora: Como funciona a dinâmica dos seus alunos com deficiência em sala de aula? Você acredita que eles conseguem se adaptar facilmente aos colegas e à rotina?

Lourdes (L2): Aos colegas eu não vejo problema não, né? Eles se acostumam e também... agora eu, eu é que tenho dificuldade porque eu não compreendo muito bem, né? Aí eu tenho dificuldade e é um sofrimento pra mim, porque eu trago atividade pra eles, mas eu não sei se... se aquele tá sendo... assim, em relação a Thalia, eu pude perceber nesse tempo todinho, ela já passou um ano comigo, é que ela está melhorando na coordenação motora. Ela não fala, né? Aí a gente traz algumas atividades, eu trago realmente atividade de coordenação motora. Ela tem melhorado bastante, mas eu não sei assim, como fazer para ela progredir. Não sei.

Entrevistadora: Você acredita que seus alunos que têm algum tipo de deficiência conseguem aprender o conteúdo que é proposto em sala de aula em relação aos outros alunos que não possuem deficiência?

Lourdes (L2): Porque eu tenho... atualmente, eu não posso te dizer isso. Eu não sei se ela aprende alguma coisa assim. Não sei. Ela não fala então assim.. Para mim, fica inalcançável saber isso.

Entrevistadora: E você prepara alguma atividade diferente para esses alunos com deficiência? Ou realiza alguma adaptação curricular na sua aula?

Lourdes (L2): Trago atividade diferente para eles, né? Porque normalmente não dá para fazer a mesma atividade que eu faço com os demais alunos não dá, eu fico assim, buscando... Eu leio às vezes alguma coisa que... Ah, isso aqui ajuda o autista nisso, aí eu vou tentando fazer.

Entrevistadora: A escola fornece algum tipo de apoio e acessibilidade a esses alunos com atividades voltadas a eles?

Lourdes (L2): Não.

Entrevistadora: Sobre a escola, continuando, você recebe apoio pedagógico de materiais, funcionários e recursos para realizar atividades diferenciadas para os alunos com deficiência na EJA.

Lourdes (L2): Não. Acho que só quem tem deficiência auditiva né? É que tem os tradutores, mas fora isso não tem nada.

Entrevistadora: E de acordo com a sua opinião, quais são os principais desafios e dificuldades de se trabalhar ensinando pessoas com deficiência dentro da EJA?

Lourdes (L2): Para mim é porque eu não tenho conhecimento nenhum. Não tenho. Eu não sei. Eu fico procurando ser o melhor que eu posso, mas sem nenhum conhecimento do assunto.

Entrevistadora: E quais são os seus anseios para essa modalidade de ensino no futuro para pessoas com deficiência?

Lourdes (L2): Que tivesse realmente material para eles. É uma... uma formação para a gente, né? Como é que a gente trabalha em uma coisa que a gente não conhece? E não tem um horizonte, não tem nada. Então se tivesse, a gente... ia tentando melhor, né? De forma melhor.

Entrevistadora: E por fim, você acha que algo deveria ser mudado dentro da EJA para aumentar a acessibilidade e aprendizado para pessoas com deficiências?

Lourdes (L2): Era que tivesse realmente um olhar bem voltado para eles, né? Porque a gente vê, assim, que pelo

menos à noite, a gente não vê... às vezes não sabe nem se tem aquele aluno, a gente diz assim “Ah, tem fulano que é autista” e respondem “Ah, é?” Aí é, acho que é complicado.

Entrevistadora: É isso. Obrigada pela participação na pesquisa.

APÊNDICE SETE: F3 - Frederico

Entrevistadora: Boa noite; Eu vou só ler aqui essa parte dos

conceitos antes da gente começar a pesquisa e o conceito de adaptação curricular são modificações do planejamento, objetivos, atividades e formas de avaliação, no currículo como um todo ou em aspectos dele, de forma a acomodar TODOS os alunos. por Glat e Oliveira e pessoa com deficiência é aquela que tem impedimentos de longo prazo de natureza física, mental, intelectual ou sensorial, os quais, em interação com diversas barreiras, podem obstruir sua participação plena e efetiva na sociedade em igualdade de condições com as demais pessoas segundo o planalto e o AEE tem como função identificar, elaborar e organizar recursos pedagógicos e de acessibilidade que eliminem as barreiras para a plena participação dos alunos, considerando suas necessidades específicas segundo o MEC. A primeira pergunta é a sua idade

Frederico (F3): Idade?

Entrevistadora: Sim

Frederico (F3): 59 anos

Entrevistadora: Sexo?

Frederico (F3): Masculino

Entrevistadora: Raça/cor?

Frederico (F3): É branco né?

Entrevistadora: Reside em Maracanaú?

Frederico (F3): Não, Fortaleza

Entrevistadora: Sobre o perfil acadêmico. Qual sua formação acadêmica?

Frederico (F3): Licenciatura em pedagogia especialização em administração escolar tô fazendo...concluindo licenciatura em matemática

Entrevistadora: Há quanto tempo você leciona?

Frederico (F3): 15 anos

Entrevistadora: E há quanto tempo você leciona aqui na escola, no Martins Rodrigues?

Frederico (F3): Nessa escola aqui 1 ano

Entrevistadora: Você é professor efetivo?

Frederico (F3): Professor efetivo

Entrevistadora: E há quanto tempo você trabalha com a EJA?

Frederico (F3): A EJA acho que uns 10 anos já

Entrevistadora: E faz muito tempo que você trabalha com a EJA aqui dentro?

Frederico (F3): é a EJA... EJA é aqui em Maracanaú, é isso?

Entrevistadora: Não, aqui no Martins Rodrigues.

Frederico (F3): Pronto. No Martins Rodrigues também...eu vim para cá para a EJA, sempre na EJA

Entrevistadora: Então faz um ano né?

Frederico (F3): Aqui no Martins Rodrigues é um ano.

Entrevistadora: Uhum.

Frederico (F3): E na rede 10 anos, em outras escolas.

Entrevistadora: Você tem alguma formação específica no AEE ou algum curso, pós- graduação em educação especial e inclusiva?

Frederico (F3): Tem uns cursos de qualificação né? De Educação de Jovens e Adultos e de cursos...de na área de Educação Especial.

Entrevistadora: Uhum. Perguntas referente à pesquisa, você tem algum aluno com deficiência em sala de aula?

Frederico (F3): Não entendi. Deficiência como? Eu? você tem algum aluno com

Entrevistadora: Se você tem algum aluno com deficiência em sala de aula.

Frederico (F3): Ah! Sim. Tem uma menina com deficiência

Entrevistadora: E quantos alunos você tem com deficiência sala de aula?

Frederico (F3): Com laudo uma aluna

Entrevistadora: E você tem mais alunos que não tenham o laudo?

Frederico (F3): Não, lá aparentemente não tem ninguém, não foi... não recebi nenhum relatório além dessa menina.

Entrevistadora: Aham. Em relação à pergunta anterior, quais são os tipos de deficiências que seus alunos possuem?

Frederico (F3): No caso dela é uma deficiência é... mental né? ligeira deficiência mental.

Entrevistadora: Se seus alunos possuem TEA (Transtorno de Espectro Autista) TDAH (Transtorno de Déficit de Atenção com Hiperatividade) ou alguma deficiência intelectual eles têm devido diagnóstico?

Frederico (F3): É, no caso aqui... no caso da menina que tem a ligeira deficiência intelectual, né? E diagnóstico, ela é diagnosticada.

Entrevistadora: E algum dos seus alunos com deficiência tem algum acompanhamento especializado? intérpretes, cuidadores, profissionais do AEE.

Frederico (F3): No meu caso aqui da menina, não. Quem acompanha... ela é acompanhada sempre pela mãe dela, que toda noite vem com ela pra aula da EJA.

Entrevistadora: E por que você acha que isso não acontece?

Frederico (F3): Aí vem desde ela entender que ela tem direito né? A requisitar um acompanhante e também a questão da disponibilidade, né? De ter o acompanhante, né? Do município. Essa informação realmente fica meio complicada.

Entrevistadora: Como funciona a dinâmica dos seus alunos com deficiência em sala de aula? Você acredita que eles conseguem se adaptar facilmente aos colegas e a rotina em sala de aula?

Frederico (F3): É, no caso dela, ela se adaptou bem né? Apesar dela socializar pouco mas ela não apresenta assim nenhuma resistência ou alguma dificuldade em permanecer na sala de aula por conta dos outros colegas.

Entrevistadora: Uhum. Você acredita que seus alunos que têm algum tipo de deficiência conseguem aprender o

conteúdo que é proposto em sala de aula em relação aos outros alunos que não possuem deficiência?

Frederico (F3): É, no caso aí dela, ela não tem condições de acompanhar é... integralmente o conteúdo que é dado pro aluno considerado "normal" né? Então nesse caso aí a gente adapta o conteúdo para as condições da aluna especial.

Entrevistadora: Você prepara alguma atividade diferente para esses alunos com deficiência ou realiza alguma adaptação curricular no seu plano de aula?

Frederico (F3): Pronto. A gente faz o que a gente chama de é... atividade Flex né? Eu chamo de atividade Flex mas o nome é atividade flexibilizada né? Que você... do conteúdo você adapta a capacidade desse aluno especial.

Entrevistadora: A escola fornece algum tipo de apoio e acessibilidade a esses alunos com atividades voltadas a eles?

Frederico (F3): É, no caso aí geralmente o professor né? No meu caso eu que preparo as atividades e eventualmente se for o caso a gente pede apoio ao psicopedagogo né? que no caso aqui funciona durante o dia né?

Entrevistadora: Durante a EJA não?

Frederico (F3): Aí eu confesso que eu não... não posso, não sei né? Nunca... {silêncio}

Entrevistadora: Sobre a escola você recebe apoio pedagógico de materiais, funcionários e recursos para realizar atividades diferenciadas para os alunos com deficiência dentro da EJA?

Frederico (F3): É... no caso aqui a gente recebe os materiais, né? mas é... até porque no caso dela né? Como ela é uma pessoa tranquila, a mãe que acompanha ela já consegue dar conta sem nenhuma necessidade extra.

Entrevistadora: De acordo com a sua opinião. Quais são os principais desafios e dificuldades de se trabalhar ensinando pessoas com deficiência dentro da EJA?

Frederico (F3): As dificuldades são várias né? desde da capacidade e habilidade do próprio Professor é... a questão da gravidade né? da deficiência, se é uma deficiência moderada média ou muito agressiva, então tudo isso influencia né? No meu caso em especial né? As dificuldades são minimizadas porque a pessoa com deficiência ela é bastante colaborativa, né? Ela consegue se adaptar dentro do nível dela sem oferecer nenhuma resistência.

Entrevistadora: Quais são os seus anseios para essa modalidade no futuro para pessoas com deficiência?

Frederico (F3): Bem, além da EJA né? Seria um incentivo maior pra própria EJA né? Em termos gerais e consequentemente a medida da valorização, condições para ampliar esse trabalho da EJA, estender esse trabalho também a pessoas com alguma necessidade.

Entrevistadora: Por fim, você acha que algo deveria ser mudado dentro da EJA para aumentar a acessibilidade e aprendizado para pessoas com deficiência?

Frederico (F3): Repita,

Entrevistadora: Você acha que algo deveria ser mudado dentro da EJA para aumentar a acessibilidade e aprendizado para pessoas com deficiência?

Frederico (F3): Com certeza. Como eu falei anteriormente é.. nós precisamos de um incentivo de primeiro valorizar o trabalho da EJA né? Tornar a EJA uma coisa essencial que nos últimos anos vem se diminuindo, né? Esse incentivo da EJA, então incentivar a participação desses alunos na EJA, trazer os alunos para o turno da EJA e consequentemente criar condições para que pessoas especiais também possam participar da EJA, que já hoje ainda é um grande desafio.

Entrevistadora: Certo. Obrigada, essa foi a pesquisa, obrigada por participar

APÊNDICE OITO: J4 - João

Entrevistadora: Boa noite. Peço sua permissão para começar a gravar essa entrevista. Meu nome é Amanda, a gente vai começar. Primeiramente me fala sua idade.

João (J4): 57 anos.

Entrevistadora: Sexo?

João (J4): Masculino.

Entrevistadora: Raça?

João (J4): Branco.

Entrevistadora: Reside em Maracanaú?.

João (J4): Não, Fortaleza.

Entrevistadora: Perfil acadêmico. Qual a sua formação acadêmica?

João (J4): Licenciatura plena em biologia.

Entrevistadora: E há quanto tempo você leciona?

João (J4): 19 anos.

Entrevistadora: Há quanto tempo você leciona aqui nessa escola?

João (J4): Primeiro ano, 1 ano.

Entrevistadora: Você é professor efetivo?

João (J4): Sim.

Entrevistadora: E há quanto tempo você trabalha com a EJA?

João (J4): 19 anos.

Entrevistadora: Faz muito tempo que você trabalha com a EJA aqui?

João (J4): Há um ano.

Entrevistadora: Você tem alguma formação específica no AEE, algum curso, pós-graduação em educação especial, inclusiva?

João (J4): Não.

Entrevistadora: Perguntas referentes à pesquisa. Você tem algum aluno com deficiência na sua sala de aula?

João (J4): Sim.

Entrevistadora: Quantos?

João (J4): 1

Entrevistadora: Em relação à pergunta anterior, quais são os tipos de deficiência que seus alunos possuem de acordo com a definição citada?

João (J4): Surdez.

Entrevistadora: Se seus alunos possuem TEA. (Transtorno do Espectro Autista), TDAH, (Transtorno de Déficit de Atenção e Hiperatividade) ou alguma deficiência intelectual, eles têm devido diagnóstico?

João (J4): Sim.

Entrevistadora: Algum dos seus alunos com deficiência tem algum acompanhante especializado? Intérprete,

cuidadores, profissionais do AEE e etc.

João (J4): Intérprete.

Entrevistadora: E como isso acontece em sala de aula?

João (J4): Ele é acompanhado por um intérprete de LIBRAS repassando todo o conteúdo ministrado em sala de aula.

Entrevistadora: Como funciona a dinâmica dos seus alunos com deficiência em sala de aula? Acredita que eles conseguem se adaptar facilmente aos colegas e à rotina de sala?

João (J4): Você pode parar?

Entrevistadora: Parar, por que?

João (J4): É o seguinte, é que agora que eu lembrei que ele tem, além de surdez, ele tem deficiência cognitiva também.

Entrevistadora: Sim.

João (J4): Era pra eu ter falado antes, né?

Entrevistadora: Não.. a gente pode continuar e mais na frente você fala sobre... continuando,. Como funciona a dinâmica de seus alunos com deficiência em sala de aula? Acredita que eles conseguem se adaptar facilmente aos seus colegas e à rotina de uma sala?

João (J4): A questão da adaptação é um tanto que difícil porque esse aluno, um único aluno, possui, além da deficiência de surdez, possui deficiência intelectual. Então esse relacionamento é mais com a intérprete.

Entrevistadora: Você acredita que seus alunos que têm algum tipo de deficiência, conseguem aprender o conteúdo que é proposto em sala de aula em relação aos outros alunos que não possuem deficiência?

João (J4): No caso específico desse aluno, não, porque a deficiência dele é um tanto que limitante para isso, mas ele se relaciona na medida do possível e ele socialmente é bem aceito pelo grupo.

Entrevistadora: Aham. Você prepara uma atividade diferente para esses alunos com deficiência ou realiza alguma adaptação curricular no seu plano de aula?

João (J4): Sim, algumas vezes trazemos algumas atividades dentro das limitações dele para que ele possa praticá-las.

Entrevistadora: A escola fornece algum tipo de apoio e acessibilidade a esses alunos com atividades voltadas a eles?

João (J4): Ela participa com algumas atividades, como também o professor e a própria intérprete.

Entrevistadora: Sobre a escola, você recebe apoio pedagógico de materiais, funcionários e recursos para realizar atividades diferenciadas para os alunos com deficiência dentro da EJA?

João (J4): Sim, recebemos apoio de xerox, tem a questão da intérprete, né? E a gente consegue suprir essa necessidade.

Entrevistadora: De acordo com sua opinião, quais são os principais desafios e dificuldades de trabalhar ensinando pessoas com necessidades da EJA? E quais são os seus anseios para essa modalidade de ensino no futuro para pessoas com deficiência?

João (J4): Pronto, o maior entrave seria a questão do professor, né? Não ter uma formação, ou seja, uma capacitação específica para trabalhar com esse público. O que eu almejo, particularmente, é que essas capacitações existam e que a gente possa suprimir a necessidade desses alunos com deficiência.

Entrevistadora: E por fim, você acha que algo deveria ser mudado dentro da EJA para aumentar a acessibilidade e aprendizado para pessoas com deficiência?

João (J4): Sim, justamente o que eu falei anteriormente, uma maior capacitação do corpo docente para que se consiga trazer para esse aluno uma melhor integração dele à sala de aula e a toda a escola e comunidade.

Entrevistadora: Certo, é isso. Obrigada pela participação.

APÊNDICE NOVE: R5 - Roberto

Entrevistadora: Boa noite. Então, a gente vai começar. Quantos anos você tem?

Roberto (R5): 54.

Entrevistadora: Sexo?

Roberto (R5): Masculino.

Entrevistadora: Raça?

Roberto (R5): Preto.

Entrevistadora: Você reside em Maracanaú?

Roberto (R5): Não.

Entrevistadora: Onde?

Roberto (R5): Fortaleza.

Entrevistadora: Perfil acadêmico. Qual a sua formação?

Roberto (R5): Especialização em ensino de cultura afro-brasileira. A formação é geografia, a especialização é essa.

Entrevistadora: Certo. Há quanto tempo você leciona?

Roberto (R5): No geral, 20 anos.

Entrevistadora: E há quanto tempo você leciona aqui nessa escola?

Roberto (R5): 15

Entrevistadora: Você é professor efetivo?

Roberto (R5): Sim.

Entrevistadora: Há quanto tempo você trabalha com a EJA?

Roberto (R5): 15 anos

Entrevistadora: Faz muito tempo que você trabalha com a EJA nessa instituição?

Roberto (R5): 15 anos

Entrevistadora: Você tem alguma formação específica em AEE ou algum curso pós-graduação em educação especial inclusiva?

Roberto (R5): Não.

Entrevistadora: Você tem algum aluno com deficiência na sua sala de aula?

Roberto (R5): Sim.

Entrevistadora: Quantos?

Roberto (R5): 1

Entrevistadora: Em relação à pergunta anterior. Quais são os tipos de deficiência que seus alunos possuem? De acordo com a definição que a gente leu anteriormente.

Roberto (R5): Na realidade, ele tem uma deficiência na aprendizagem, deficiência de aprendizagem.

Entrevistadora: Certo. Se os seus alunos fossem TEA (Transtorno de Espectro Autista) TDAH (Transtorno de

Déficit de Atenção com Hiperatividade) ou alguma deficiência intelectual, eles têm devido diagnóstico?

Roberto (R5): Sim.

Entrevistadora: Algum de seus alunos com deficiência têm algum acompanhamento especializado, intérprete, cuidadores, profissionais do AEE?

Roberto (R5): Não.

Entrevistadora: Por que você acha que isso não acontece?

Roberto (R5): Na realidade, eu acho que assim hoje a demanda é muito grande para o município né? Então assim existe esse atendimento, mas esse atendimento ele contempla só algumas situações, não todas.

Entrevistadora: Como funciona a dinâmica dos seus alunos com deficiência em sala de aula? Você acredita que eles conseguem se adaptar facilmente aos colegas e à rotina?

Roberto (R5): Sim.

Entrevistadora: Você acredita que seus alunos que têm algum tipo de deficiência conseguem aprender o conteúdo que é proposto em sala de aula em relação aos outros alunos que não têm deficiência?

Roberto (R5): Não.

Entrevistadora: Por que você acha que isso não acontece?

Roberto (R5): Na realidade assim, hoje na área dos humanas, os temas são muito diversos e muito abertos. E assim para o aluno que tem dificuldade realmente ele necessita de uma atividade mais exclusiva né? E de forma geral eles são tratados como se eles fossem um aluno como outro qualquer. Então realmente como a disciplina ela é voltada para alunos que não têm necessidades especiais, aí gera uma dificuldade maior né? No caso.

Entrevistadora: Aham. Você prepara alguma atividade diferente para esses alunos com deficiência ou realiza alguma adaptação curricular lá no seu plano de aula?

Roberto (R5): Sim. Normalmente as atividades são reduzidas e elas tem um apoio exclusivo para eles, ou seja, eu fico mais voltado, né? Para esses alunos do que necessariamente para os outros.

Entrevistadora: A escola fornece algum tipo de apoio e acessibilidade a esses alunos com atividades voltadas a eles?

Roberto (R5): Sim.

Entrevistadora: Sobre a escola, você recebe apoio pedagógico de materiais, funcionários, recursos para realizar atividades diferenciadas para os alunos com deficiência dentro da EJA?

Roberto (R5): Na verdade, o que há é a disponibilidade dos serviços de atendimento aos alunos, onde é feito um acompanhamento paralelo. Nesse acompanhamento a gente tenta minimizar o máximo possível para que o aluno não se ausente muito da sala de aula. No entanto, o que acontece é que esses alunos geralmente eles são mais faltosos, eles são muito discretos com relação ao que acontece dentro da sala de aula, por uma questão meramente de desinteresse mesmo. E falta de acompanhamento também em casa né? Eles têm o apoio na escola, mas quando chegam em casa, a situação é totalmente adversa, é totalmente adversa essa situação.

Entrevistadora: De acordo com a sua opinião, quais são os principais desafios e dificuldades de trabalhar ensinando pessoas com deficiência dentro da EJA? E quais são os seus anseios para essa modalidade de ensino no futuro para pessoas com deficiência?

Roberto (R5): Na realidade, o que a gente precisa é de um acompanhamento, né? Por parte de pessoas especializadas diretamente para esses alunos. Esses alunos na realidade eles também têm uma dificuldade muito grande de se ausentar da sala de aula, tirá-los da sala de aula. Então, o atendimento específico é uma dificuldade, porque eles mesmo têm uma resistência muito grande quanto a isso, por diversos fatores, que eu acredito que assim, eles se sentem até inferiorizados quando eles são retirados da sala de aula com acompanhamento específico. Mas assim, o que não justifica o fato de não ter. O ideal era que tivesse esse atendimento mais que exclusivo, mais voltado para eles.

Entrevistadora: No caso, eles são retirados da sala para o reforço, né? Que você fala.

Roberto (R5): Isso.

Entrevistadora: Por fim, você acha que algo deveria ser mudado dentro da EJA para aumentar a acessibilidade e aprendizado para pessoas com deficiência?

Roberto (R5): Sim, deveria ter um acompanhamento também para os professores, para que os professores pudessem desempenhar essas atividades da melhor forma possível. Porque o que acontece é que fica muito por conta do professor. O forte mesmo, o que eles veem mesmo de aprendizagem, é por parte do professor, das ideias que o professor tem. Só que os professores, eles possuem características diferentes, diferenciadas, não é a mesma coisa. Então, assim, alguns professores têm um pouco mais de vocação para essa situação e outros não, né? Mas se tivesse um acompanhamento específico para esses alunos e um acompanhamento melhor, talvez esses alunos se saíssem melhor.

Entrevistadora: Certo, Obrigada pela entrevista.

APÊNDICE DEZ: C6 - Carmen

Entrevistadora: Boa noite. Vou começar a gravar aqui. Características dos docentes, perfil dos entrevistado. idade, você tem quantos anos?

Carmen (C6): 53.

Entrevistadora: Sexo?

Carmen (C6): Feminino.

Entrevistadora: Raça/Cor?

Carmen (C6): Parda, né?

Entrevistadora: Reside em Maracanaú?

Carmen (C6): Fortaleza.

Entrevistadora: Perfil acadêmico, qual sua formação?

Carmen (C6): Eu sou formada em pedagogia com especializações, mas só que a minha não está concluída, né? Mas em gestão escolar, psicopedagogia, clínica, institucional e pedagógica, né? Clínica, institucional e hospitalar.

Entrevistadora: Há quanto tempo você leciona?

Carmen (C6): Há mais de 20 anos.

Entrevistadora: Você é professora efetiva?

Carmen (C6): Sou efetiva da rede de Maracanaú e de Fortaleza.

Entrevistadora: Há quanto tempo você trabalha com a EJA?

Carmen (C6): Com a EJA está com 15 anos.

Entrevistadora: Faz muito tempo que você trabalha com a EJA nessa instituição, aqui no Martins Rodrigues?

Carmen (C6): 15 anos

Entrevistadora: Você tem alguma formação específica no AEE ou algum curso, pós-graduação, especialização em educação especial inclusiva?

Carmen (C6): Não, educação especial inclusiva, sim, na EJA também. Tu falou AEE.

Entrevistadora: AEE ou algum curso, pós-graduação em educação especial inclusiva.

Carmen (C6): Não.

Entrevistadora: Mas você tem psicopedagogia né?

Carmen (C6): É, só o psico e eu estou fazendo agora Língua de Sinais (LIBRAS).

Entrevistadora: Uhum. É... Perguntas referentes à pesquisa. Você tem algum aluno com deficiência na sua sala de aula? No caso aqui é o reforço, né?

Carmen (C6): Sim, né?

Entrevistadora: Quantos?

Carmen (C6): Nenhum deles diagnosticados com laudo ou nada, mas pela experiência a gente percebe a necessidade de cada um. Eu tenho alunos que têm déficit de atenção, e tenho alunos que têm problema com relação à fala, que com certeza é...contribuiu para a baixa estima, para a falta de aprendizagem. Eu acho que ela tem algum lábio leporino, alguma coisa assim que afetou. E eu tinha também um autista que eu recebi recente, mas ele não é assíduo e ele não veio.

Entrevistadora: São três que você citou?

Carmen (C6): 1, 2, 3, 4, uns 4.

Entrevistadora: Uhum. Em relação à pergunta anterior, quais são os tipos de deficiência que seus alunos possuem de acordo com a definição de deficiência citada?

Carmen (C6): 1, autismo, TDAH, né? 2, 2 TDAH e a outra da fala não sei como diagnosticar.

Entrevistadora: Se esses alunos possuem TEA (Transtorno de Espectro Autista), TDAH (Transtorno de Déficit de Atenção com Hiperatividade) ou alguma deficiência intelectual, eles têm devido diagnóstico?

Carmen (C6): Só um. Só o que tem o autismo

Entrevistadora: Alguns de seus alunos com deficiência têm algum acompanhante especializado, intérprete, cuidadores, profissionais do AEE?

Carmen (C6): Só esse outro, esse que tem autismo.

Entrevistadora: Ele tem acompanhante especializado?

Carmen (C6): Ele faz acompanhamento lá no CAPS

Entrevistadora: Mas aqui dentro da escola?

Carmen (C6): Não. Inclusive, eu solicitei que quando os alunos viessem para cá, porque todas as vezes que a gente observa, a gente encaminha e pede para que eles sejam avaliados pelo AEE daqui né? (da tarde) Mas a gente nunca conseguiu. Infelizmente.

Entrevistadora: Então você já respondeu a pergunta. Como funciona a dinâmica dos seus alunos com deficiência em sala de aula? Acredita que eles conseguem se adaptar facilmente aos colegas e à rotina? No caso aqui, como tu dá reforço, tu acredita que eles conseguem se adaptar à sala de aula?

Carmen (C6): É assim, indo pela nossa pedagogia, o que eu procuro fazer todas as vezes? Primeiro resgatar a estima deles né? Para fazê-los se sentir dentro da sala, se envolver com a sala, porque se eles adquirirem essa segurança, essa confiança, eles vão ter o gosto por estar aqui. Então é uma busca constante, todo dia eu estou motivando, estou incentivando, e eles gostam disso.

Entrevistadora: Você acredita que seus alunos que têm algum tipo de deficiência conseguem aprender o conteúdo que é proposto em sala de aula em relação aos outros alunos que não têm deficiência?

Carmen (C6): Em sala ou fora?

Entrevistadora: Em sala e aqui fora também.

Carmen (C6): Não, em sala é complicado. Porque a maioria deles se alfabetizaram aqui. E eles têm uma mania horrível de serem alunos copiadores, o que eu acho uma pena. O que eu acho que funcionaria se eles fossem mais produtivos na sala de aula. Se o conteúdo fosse realmente adequado às necessidades de cada um e infelizmente a gente sabe que não é, né? Cada professor tem a sua carga horária e como eles dizem, como eles mesmo dizem, “a gente não são, nós não somos alfabetizadores, né?” Então cabe para nós, mas seria uma maravilha se acontecesse.

Entrevistadora: Você prepara alguma atividade diferente para esses alunos com deficiência ou realiza alguma adaptação curricular no seu plano de aula?

Carmen (C6): Sim, todas as atividades são direcionadas de acordo com a necessidade de meus alunos, mesmo porque eu tenho diferentes níveis. Eu tenho alunos que ainda escrevem espelhado, né? E assim, uma menina de 15 anos escrever espelhado é complicado, né? Então assim, de acordo com a necessidade de cada um de aprendizagem, eu vou direcionando o trabalho. Se eu ver que dá...o quanto eu puder tirar, eu tiro. Mas se não, eu fico com ele ali e é tranquilo.

Entrevistadora: A escola fornece algum tipo de apoio e acessibilidade a esses alunos com atividades voltadas a eles?

Carmen (C6): Tenho que dizer?

Entrevistadora: Sim...

Carmen (C6): Sim!

Entrevistadora: Sobre a escola, como você recebe apoio pedagógico de materiais, funcionários e recursos para realizar atividades diferenciadas para os alunos com deficiência da EJA?

Carmen (C6): Sempre que eu peço algum material pedagógico, eu consigo, né? Só falta mesmo a questão da sensibilidade de encaminhamento para as turmas do... encaminhar esses alunos para serem assistidos pelo AEE, né?

Entrevistadora: De acordo com a sua opinião, quais são os principais desafios de dificuldade de se trabalhar ensinando pessoas com deficiência dentro da EJA?

Carmen (C6): Uma das coisas que pega muito aqui é...a infrequência deles, sempre tem a queda e também a questão de...que é o que eu chamo de assiduidade e também a questão de não ter um planejamento direcionado, por exemplo, eu estou aqui e fico a disposição deles, de todos eles, para fazer reforço mas eu não tenho dia para planejar, eu nem planejo né? Eu uso o que eu sei e pelo que eu conheço, então eu precisaria me organizar para poder me direcionar mas aí fica tranquilo...Mas isso existe. E é só.

Entrevistadora: Seguindo, a próxima pergunta. E quais são os seus anseios para essa modalidade de ensino no futuro para pessoas com deficiência?

Carmen (C6): Que eles realmente consigam se ver dentro da sociedade como... pessoas com direitos, mas também com deveres, que reconheçam o papel deles quanto aprendentes, que eles necessitam disso e que isso possa trazer benefícios para a vida de cada um, tanto profissional quanto estudante.

Entrevistadora: E por fim, você acha que algo deveria ser mudado dentro da EJA, para aumentar a acessibilidade e aprendizado para pessoas com deficiência?

Carmen (C6): Eu acho que sim. A começar por um suporte pedagógico direcionado para eles. Nós não temos. Nós temos o acompanhamento do AEE. somente durante o dia nessa escola. À noite a gente não tem. É o que eu observo, o que eu digo, mas ali fica. Entendeu? E é isso.

Entrevistadora: E só isso mesmo. Obrigada, pelas respostas.

APÊNDICE ONZE: N7 - Nair

Entrevistadora: Vamos começar a entrevista agora tá? Sua idade?

Nair (N7): 64

Entrevistadora: Sexo?

Nair (N7): Feminino

Entrevistadora: Raça? Cor?

Nair (N7): Parda

Entrevistadora: Você reside em Maracanau?

Nair (N7): Não

Entrevistadora: Onde?

Nair (N7): Fortaleza

Entrevistadora: Perfil acadêmico do Docente. Qual a sua formação acadêmica?

Nair (N7): Superior e especialização

Entrevistadora: É superior em quê?

Nair (N7): Em Ciências contábeis e ensino de matemática

Entrevistadora: Ah certo e Há quanto tempo você leciona?

Nair (N7): 25

Entrevistadora: E Há quanto tempo você leciona nessa escola?

Nair (N7): 9

Entrevistadora: Você é professora efetiva?

Nair (N7): Sim

Entrevistadora: Há quanto tempo você trabalha com a EJA?

Nair (N7): Eu trabalhei no tempo de avançar naquela época e aqui eu trabalho há 9 anos né? Faz muito tempo que eu já trabalhei no tempo de avançar aquele Telecurso 2000 que é antigo e trabalhei aqui há muito tempo uns 15 anos assim...

Entrevistadora: Faz muito tempo que você trabalha com a EJA aqui nessa instituição?

Nair (N7): 9 anos

Entrevistadora: Você tem alguma formação específica no AEE ou algum curso pós-graduação em Educação Especial inclusiva?

Nair (N7): Não

Entrevistadora: Perguntas referentes à pesquisa. Você tem algum aluno com deficiência? aqui fala em sala de aula mas no caso como você dá reforço né? Você tem algum aluno com deficiência no reforço?

Nair (N7): Tem sim.

Entrevistadora: Em relação à pergunta anterior, quais são os tipos de deficiência que possuem? De acordo com a definição de deficiência foi dada aqui (na folha) e que eu te disse

Nair (N7): é aquilo que eu te disse...eles têm tipo dislexia tem retardo né assim? No aprendizado...falta de atenção de atenção que confunde muito assim eu não sei dizer confunde muito não tem...tem deles que não sabem as letras dificuldade de fazer conta muita dificuldade muita dificuldade mesmo

Entrevistadora: Se seus alunos possuem TEA (Transtorno de Espectro Autista), TDAH (Transtorno de déficit de atenção com hiperatividade) ou alguma deficiência intelectual. Eles tem devido diagnóstico?

Nair (N7): Não, no caso da ninguém tem assim diretamente porque eu acho que não é feito e seria interessante fazer porque quando é criança pequena né? 4º ano ano tudo, parece que fazem esse tipo de abordagem mas na EJA eu não sinto é...fica meio vago e também por causa da...que eles já são mais idosos né? aí assimaí é difícil de fazer uma diagnóstico deles muito difícil.

Entrevistadora: Algum dos seus alunos tem com deficiência tem algum acompanhante especializado? intérprete, cuidador, profissional do AEE

Nair (N7): Não não. Porque... .justamente porque na EJA não tem é...acompanhamento assim sabe? Seria

interessante ter porque né? Eles estão fora da faixa mas seria interessante assim ter e eu acho assim que o próprio reforço poderia ser até na própria sala de aula, entendeu? Que não é dado, é aqui no no pátio.

Entrevistadora: Como funciona a dinâmica dos seus alunos com deficiência em sala de aula? Acredita que eles conseguem se adaptar facilmente aos colegas e a rotina da sala?

Nair (N7): Sim, eles se adaptam né? Que eles já são adultos.

Entrevistadora: E você acredita que seus alunos que tem algum tipo de deficiência conseguem aprender o conteúdo que é proposto em sala de aula em relação aos outros alunos que não tem deficiência? No caso você como não dá em sala de aula né? O certo seria... Você acredita que seus alunos conseguem aprender o que é dado para eles em sala de aula? em relação aos outros alunos que não tem deficiência

Nair (N7): Eu acho que não consegue bem não.

Entrevistadora: Os que são mudados para você são para reforço né?

Nair (N7): É.

Entrevistadora: Uhum. Então eles já são mandados porque eles não conseguem aprender o conteúdo é?

Nair (N7): É mas não não é assim bem...através de um diagnóstico que ele tem a dificuldade, ele vem por reforço porque vem entendeu? Mas não tem assim dizendo que eles tem isso (alguma deficiência) isso eu sinto falta porque às vezes eu vou.... Mas também não adianta falar muita coisa

Entrevistadora: Quem envia os alunos? São os professores?

Nair (N7): A gente que vai lá pede aos alunos para vir, entendeu? Mas a maioria não querem vir porque eu acho;;; que que eu sinto, entendeu? Que eles sentem como se fosse assim... como se fosse um constrangimento, entendeu? Sair da sala para ir para reforço

Entrevistadora: Uhum. Você prepara alguma atividade diferente para esses alunos com deficiência ou realiza alguma adaptação curricular no seu plano de aula?

Nair (N7): Não eu não preparo eu prefiro ele trazer o que é dado lá na sala aí aqui eu... eu faço o reforço.

Entrevistadora: Aham. A escola fornece algum tipo de apoio e acessibilidade a esses alunos com atividades voltadas a eles?

Nair (N7): Oferece.

Entrevistadora: Sobre a escola você recebe apoio pedagógico de materiais e funcionários e recursos para realizar atividades diferenciadas para os alunos com deficiência dentro da EJA?

Nair (N7): Sim. Sim né? Algumas Xerox... coisa assim quando a gente precisa eles dão.

Entrevistadora: E de acordo com a sua opinião. Quais são os principais desafios e dificuldades se trabalhar ensinando pessoas com deficiência dentro da EJA? E quais são os seus anseios para essa modalidade de ensino no futuro?

Nair (N7): O maior desafio é justamente isso de convencer eles a virem pro reforço entendeu? É Um Desafio muito grande

Entrevistadora: Quais são os seus anseios para o futuro nessa modalidade da EJA para pessoas com deficiência?

Nair (N7): no caso que a gente tá dando só reforço eu acho que deveria ser assim ter os alunos deficiência, entendeu? Ter a lista de aluno e a gente pegava entendeu? Conforme a sala aí a gente chegava e já tava aquele aluno determinado para vir, entendeu? E deveria ter um dia para aquele aluno, entendeu? Um horário direitinho, não é? Assim a professora chegar ficar na sala e eles viessem sem ser preciso ir pegar tipo assim... eu acho não sei se funcionaria. Parece que eu já respondi uma questão dentro da outra.

Entrevistadora: A última é, por fim você acha que algo deveria ser mudado dentro da EJA para melhorar acessibilidade e aprendizado para pessoas com deficiência?

Nair (N7): No caso da gente que é só o reforço, exatamente.. o que deve ser mudado é conscientizar o aluno que tá com deficiência a ir para para o reforço não sei assim... uma coisa...eu acho que devia ser uma coisa mais

sem sem obrigar mas obrigando entre aspas entendeu? Porque se tem a dificuldade tem que ter o reforço, entendeu? Mas a maioria não não quer vir.

Entrevistadora: Bom...certo é isso então! Essa é a pesquisa. Obrigada pela participação.

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIMENTO

Concordo em participar, como voluntário, do estudo que tem como pesquisador (a) responsável o(a) aluno(a) de graduação Amanda de Souza Nogueira do curso de Bacharelado de Humanidades da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira, UNILAB, que pode ser contatado pelo e-mail amanda_souza@aluno.unilab.edu.br e pelo telefone (85)992613009. Tenho ciência de que o estudo tem em vista realizar entrevistas com professores, visando, por parte do(a) referido(a) a realização de um trabalho de conclusão de curso intitulado “A Inclusão de Pessoas com Deficiências na Educação de Jovens e Adultos: Um Estudo de Caso na Escola Emeif Dep. José Martins Rodrigues em Maracanaú - Ceará”. Minha participação consistirá em conceder uma entrevista que será respondida a partir de minhas experiências na área. Entendo que esse estudo possui finalidade de pesquisa acadêmica, que os dados obtidos poderão ser divulgados, com prévia autorização e friso que não receberei nenhum pagamento por esta participação.

Eu, _____, portador(a) do documento de identidade _____, _____ anos, fui informado(a) dos objetivos desta entrevista de maneira clara e declaro que concordo em participar.